



Abraham Alcaim . Adriana Brito .  
Adriana Montenegro . Adriana Moura . Alcina Morais . Alê Silva .  
Alexandre Lambert . Alexandre Palma . Alzira Judice . Ana Angelim . Ana Argôlo .  
Ana Cristina Teixeira . Ana Luiza Mello . Ana Mattos . Ana Paula Guinle . Ana Schieck . Andres Papa .  
Angela Gentile . Angela Mello . Anita Fizon . Antonio Vieira . Attilio Colnago . Augusto Herkenhoff .  
Bahie Banchik . Beatriz Campos . Beatriz da Matta . Bel Guimarães . Bel Mota . Benjamin Rothstein . Bosco Renaud .  
Carlos Borges . Carmen Bello . Carmen Givoni . Celia Gimenez . Celina Nolli . Celso Adolfo . Cesar Coelho Gomes .  
César Paes Barreto . Chica Granchi . Claudia Carneiro . Claudia Watkins . Conceição Durães . Cunca Bocayuva . Daniel Dobbin .  
. Daniele Bloris . Debora Carneiro da Cunha . Deneir . Dirce Fett . Dora Portugal . Dulce Lysyj . Eda Miranda . Edgar Fonseca .  
Edwiges Barros . Elaine Fontes . Eleonora Dobbin . Elis Pinto . Fernando Brum . Francinete Alberton . Galvão Jr . Gardênia Lago .  
Gloria Seddon . Graça Pizá . Helen Pomposelli . Helena Lustosa . Helena Wassersten . Heloisa Alvim . Hilário Almeida .  
Hortensia Maria Pecegueiro . Ilda Fuchshuber Falacio . Iraceia Oliveira . Isabella Marinho . Isis Braga . Izabel Lucas . Jaci Castro .  
Jarbas Paullous . Janio Leonardelli . João Saboia . Jorge Cerqueira . José Francisco Rodrigues . José Rocha . Judite Alice . Katia Politzer .  
Kika Beltrão . Lando Faria . Lea Soibelman . Leila Bokel . Lena Tejo . Lenn Cavalcanti . Let Cotrim . Lia do Rio . Liana Gonzalez .  
Liane Briand . Lu Guedes . Lucia Lyra . Luiz Nogueira . Luiz Norões & Vera Lins . Luiz Rocha . Luiz Todeschi . Luzia Velloso .  
Malu Perlingeiro . Marcelo Veiga . Marcia Cavalcanti . Marcio Atherino . Maria Cecília Leão . Maria Verônica Martins .  
Marco Rodrigues . Marta Bonimond . Martha Pires Ferreira . Maurício Tassi Teixeira . Maurício Theo . Miro PS . Nanda Godoy .  
Nilton Pinho . Olivio Neto . Paloma Carvalho . Peter O'Neill & Popklik Gabriella . Ranieri Mazzili . Regina Moura .  
Roberta Salgado . Roberto Negri . Robinson Oliveira . Rodolfo Viana . Rogerio Reis . Ronald Duarte .  
Rosângela Soares Pinto . Sandra Macedo . Simone Trombini . Sissi Kleuser . Sonia Camacho . Sonia Guaraldi .  
Talita Tunala . Tavinho Paes . Teresa Coelho . Teresinha Mazzei . Uíara Bartira . Vania Beatriz .  
Verônica Camisão . Vilma Lima . Vitoria Szejnman . Xico Chaves . Walkyria Proença .  
Wil Catarina . Zoravia Bettiol .

ZAGUT

**Abertura**

10 fevereiro às 19h  
2021

**Exposição**

virtual permanente  
[www.espacozagut.com](http://www.espacozagut.com)

Shopping Cassino Atlântico  
Av. Atlântica 4240 - loja 315  
Copacabana - Rio de Janeiro  
Brasil

# ZAGUT

Direção Geral Zagut: Isabela Simões e Augusto Herkenhoff

Texto Zagut: Isabela Simões

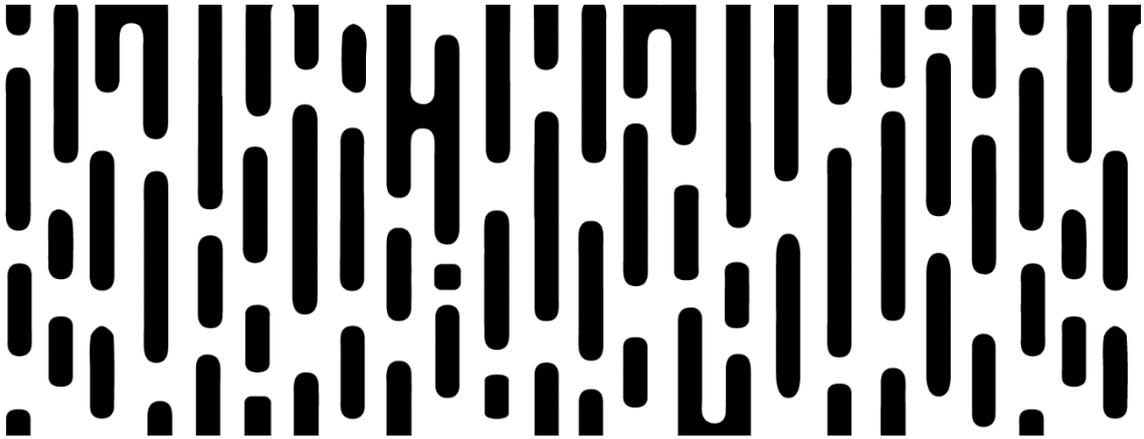
Ensaios críticos: Alexandre Lambert Soares, Alexandre Palma, Carlos Taveira

Conteúdo, comunicação e imagem: Helen Pomposelli

Edição dos vídeos: Vicente Duque Estrada e Mauricio Theo

Imagem da capa: Fernando Brum

Arquitetura de montagem galeria virtual: Leonor Azevedo, Isabela Simões.



---

*Uns tomam éter, outros cocaína.*

*Eu já tomei tristeza, hoje tomo alegria.*

*Manuel Bandeira (trecho do poema "Não sei dançar").*

---

Este carnaval não será igual àquele que passou...em plena pandemia, ultrapassados no Brasil os 200 mil óbitos, um carnaval de besteiras e de falta de decisões que fazem com que menos de 1% da população esteja vacinada, impossibilitando encontros presenciais de pessoas que refletem (porque as que não pensam comparecem às inacreditáveis festas clandestinas), e em especial a maior festa popular brasileira ficou comprometida.

Mas carnaval é sinônimo de alegria! De criatividade! De trabalho árduo! E nesses quesitos esta mostra reúne um time de artistas que consegue colocar o bloco na rua virtual e, sem atravessar o samba, percorrer toda essa passarela de múltiplos suportes, cores, reflexões, caminhos possíveis. Com nota dez! Há obras antigas, há obras bem atuais. O conjunto reflete bem o momento dramático vivido pela humanidade, no maior desafio que nós, que estamos vivos nesta época, jamais sonhamos que teríamos que lidar.

Os artistas são irreverentes, são sonhadores, são saudosistas, são questionadores, através de suas obras, e em seus vídeos que complementam esta exposição. Nunca acomodados. E fazem com que ao acompanhá-los, a nossa perspectiva vá mudando. Sem abandonar a esperança e alegria que essa festa nos remete na sua alma!

Que no ano que vem estejamos abraçados em um mundo vacinado mais solidário e alegre!

Neste ano, fique em casa no carnaval com arte!

Bandeira, M. Libertinagem, 1930.

Abre alas! Eu quero é botar meu bloco na rua! Allah la ohh ohhh ohhh!  
Sassaricando no carnaval desta Cidade Maravilhosa!

Mamãe eu quero (Quem não chora não mama) ver a Turma do Funil muito além do Yes nós temos banana, na Cachaça não é água, no Me dá um dinheiro aí, com a Lata d'água na cabeça, felizes apenas com a Chuva suor e cerveja. Queremos sim que nossa sociedade deixe no passado a forma de separar as pessoas ao se referir ao Índio quer apito, à Cabeleira do Zezé, aO teu cabelo não nega, à Mulata Assanhada e tantas outras formas de discriminação, apesar das obras primas que são tais músicas.

Os personagens tão díspares do nosso Brasil, o Pierrô Apaixonado, a Jardineira, a Chiquita Bacana, a Balzaquiana, a Aurora, a Margarida, estão vendo a essa banda passar. Estão na Baixa do sapateiro, No tabuleiro da baiana, no Barracão, pelo Brasil afora...Mas temos certeza que isso Vai passar, terá sido Um rio que passou em minha vida!

E o samba continua, o General da banda comanda o Brasil entoando o Boi da cara preta.

Bandeira Branca vai trazer a paz que o povo brasileiro tanto precisa e merece! Estrela Dalva que inspira As Pastorinhas iluminando e brilhando na cidade! Um tempo no qual o povo vai Atras do trio elétrico e A lua é dos namorados.

Enquanto isso, nesta pandemia, a Zagut propõe quando o O orvalho vem caindo a Noite dos mascarados virtual na abertura desta mostra, traga sua Máscara Negra, seu Pirata da perna de pau, e qualquer outra fantasia! Vem contar sua Piada de salão. Quem sabe, sabe, a exposição tá linda! Tai, ô lelé ô lalá, o carnaval Zagut está no ar!

Obs: inspirado no vídeo de Helena Wassersten

## Uma breve História do nome e do Bloco Bienal Vade Retro Abacaxi

Alexandre Lambert Soares

artista visual, ator, cenógrafo, mestre em História do Teatro pela UNIRIO e integrante do grupo teatral Militantes em Cena.

Em 2002, devido as pretensões corruptas e anticariocas do prefeito César Maia, com a grande armação financeira da instalação de um Museu Guggenheim no porto do Rio de Janeiro, Xico Chaves sugere como mais uma das formas de luta, a criação de um bloco carnavalesco para desfilarmos no Carnaval de 2003, com músicas, fantasias e adereços dentro da temática de combate e oposição às pretensões do Prefeito.

Ideia aprovada pelo coletivo de artistas visuais.

Xico Chaves e Aimberê César sugerem o nome Vade Retro para o bloco, contendo assim em si a ideia de mandar para longe e para trás as pretensões do alcaide.

Alexandre Lambert lembra de uma situação vivida em Madri, em 1994, onde e quando presenciou uma passeata de estudantes que volta e meia andava de costas, pois seus participantes viravam de frente para os carros da polícia que os seguiam e gritavam a seguinte palavra de ordem:

*“Para esa policía vamos andar de culo!... Para esa policía vamos andar de culo!”.*

Xico Chaves e Aimberê fazem a nossa primeira dança coreográfica, andando de costas e se movimentando como se fosse uma dança indígena... e era!

Ideias aprovadas pelo coletivo de artistas visuais

Xico Chaves e Alexandre da Costa, na reunião seguinte, apresentaram a primeira música do bloco.

Música e letras aprovadas pelo coletivo de artistas visuais.

As saídas do bloco em 2005 e 2007 foram bancadas por Aimberê e Maurício Ruiz, focando outros protestos artísticos, sociais e políticos.

Em 2006, Alexandre Lambert, Elisa Magalhães e Xico Chaves apresentaram em seminário na pós graduação do Centro de Letras e Artes da

UNIRIO, um histórico sobre como a arte pode ser política e pode ser vitoriosa, tendo como estudo de caso o Bloco Bienal Vade Retro.

Em 2007, Ricardo Basbaum convidado para Documenta de Kassel, na Alemanha expõe um trabalho documental sobre o Bloco Bienal Vade Retro, tendo como foco principal a luta contra a jogada corruptora do Museu Guggenheim, no Rio de Janeiro, uma das peças apresentadas na exposição era uma foto em tamanho natural do artista Alexandre Lambert, em sua fantasia de desfile: “Bebê Gugu” que carregava como adereço de mão um estandarte, que era um grande saco plástico preto de lixo de onde surgia parte de uma réplica em isopor da maquete do projeto arquitetônico do Museu Guggenheim, para o Rio. O saco de lixo apresentava letras garrafais em sua superfície externa a denúncia: “Luxo fiscal, lixo cultural”.

Em 2009, há o primeiro “leilão’ de obras de artistas contemporâneos” que faziam, e muitos ainda fazem parte do BBVRA, evento idealizado por Aimerê César e Sueli Farhi.

Evento aprovado pelo coletivo de artistas visuais.

No início da década passada, Ernesto Neto propõe acrescentar ao nome do bloco a palavra “abacaxi”.

Ideia aprovada pelo coletivo de artistas visuais.

E assim BBVR virou Bloco Bienal Vade Retro Abacaxi, e logo a sua logo foi criada: *um abacaxi*, e que se finalizou, em 2015, com a entrada de uma folha de cânhamo no lugar da rama superior da fruta. Aliás, 2015 foi o ano que saímos fortíssimos com a temática: “Preconceito, Vade Retro!”.

Ideia aprovada pelo coletivo de artistas visuais.

Em 2017, perdemos o nosso pajé Aimerê, mas saímos lindos em sua homenagem, com um enredo de autoria dele: “Revolução Zen Nudista”.

Em 2021, pela primeira vez o Bloco Bienal Vade Retro Abacaxi deixará de iluminar o fim de tarde da terça-feira gorda. A alegria e a criatividade não percorrerão a orla que vai da Praia do Diabo até o Posto 09, em Ipanema.

Ideia sentida com muito pesar pelo coletivo de artistas visuais, não só pela pandemia que já ceifou mais de 200 mil vidas brasileiras, como pela perda do nosso amado companheiro Frederico Dalton, o mais criativo dos nossos artistas foliões.

Laranjeiras, 1º de fevereiro de 2021.

## “Vai ter uma festa”

Alexandre Palma

artista plástico, documentarista e professor na UFRJ

Em 2019 o livro *Carnavais, malandros e heróis* de Roberto Da Matta completou quarenta anos de uma contundente interpretação ao contrastar olhares sobre os bailes, blocos e desfiles; a semana da Pátria e; as procissões religiosas. Esta análise antropológica mudou paradigmas e investiga o país sob a ótica do Carnaval tendo como fontes de inspiração Edmund Leach, Victor Turner, Arnold Van Gennep e Claude Lévi-Strauss. O desdobramento visual desta contribuição ímpar de Da Matta está no ensaio *Universo do Carnaval: imagens e reflexões* (1981), quando ao lado do fotógrafo João Poppe, os festejos são descortinados por vértices, como por exemplo, a *feminização* do mundo, a orgia carnavalesca, e, o relativismo sobre a morte e o sagrado, temas abordados, respectivamente, em filmes como *Damas do Samba* (2013), *A Lira do Delírio* (1978) e *Orfeu Negro* (1959).

Em perspectiva semelhante temos o multiartista Arthur Omar com a série *Antropologia da Face Gloriosa* apresentada na Bienal de São Paulo de 1997, com quase cem imagens de grandes dimensões, em preto e branco. Nesta instalação fotográfica, o êxtase carnavalesco, alcança uma representação distante do universo visual de Debret ou Di Cavalcanti, mas próxima da dimensão contemporânea de “estar possuído” vista nos *Parangolés* de Hélio Oiticica na década de 1960. Esta ênfase contemporânea, em uma abordagem plural construída por vídeos, música eletrônica e artes plásticas, também foi contemplada pelo curador Alfons Hug na coletiva *Carnaval* no Centro Cultural Banco do Brasil em 2004, com destaque para a instalação *Se Fosse Tudo Sempre Assim* do cineasta Karim Aïnouz.

Com alegria recebi um convite para escrever estas linhas na honrosa lembrança do Augusto Herkenhoff e suspeito que esta escolha, para além das atividades universitárias no campo artístico, muito se relaciona com o meu recente engajamento folião no bloco *Cacique de Ramos*. Neste ano, o *Cacique* completa sessenta anos de fundação e é um dos grandes destaques do carnaval

de rua do Rio de Janeiro, se observarmos que há outras narrativas para além daquelas já consagradas do chamado *ressurgimento* visto na zona sul entre as décadas de 1980 e 2000. É sempre válido rever as imagens fotográficas do tradicional bloco da zona norte registradas pelo artista Carlos Vergara em princípios da década de 1970. Nas palavras de Vergara: *não sou um artista isolado do mundo. Essa possibilidade de trabalhar o Cacique foi muito gratificante e me ensinou muito, aproximou-me da produção anônima, do desejo de discurso político que existe na população como um todo. Uma ação de discurso artístico popular* (Revista DASartes número 84, 13 de maio de 2019).

Neste momento de intensa expectativa pela vacinação, mesmo com o adiamento da folia, ainda é possível sermos afetados pelo Carnaval. O ano de 2021 nos reserva uma festa diferente; pela arte e também pela saúde, como o Espaço Zagut sempre procurou sublinhar em sua trajetória. Nesta coletiva vemos uma ampla pesquisa de artistas visuais de diferentes matrizes sobre o espírito carnavalesco. Os trabalhos procuram dialogar com um universo lírico e intercultural, originando assim, um conjunto que segue livremente as palavras do poeta Chacal em *Rápido e Rasteiro: Vai ter uma festa, que eu vou dançar até o sapato pedir pra parar. Aí eu paro, tiro o sapato e danço o resto da vida.*

“nunca fomos catequizados” fizemos foi carnaval.”  
Manifesto antropófago (Oswald de Andrade)

## A festa da carne

Carlos Vinicius S. Taveira

Mestre em teoria da história pela PUC-Rio, e doutor em Literatura, cultura e contemporaneidade pela PUC-Rio.

### Introdução

A epígrafe desse texto estabelecida no *Manifesto antropófago* escrito na década de trinta no Brasil, é uma excelente introdução para pensarmos o carnaval, sobretudo, seu impacto na cultura brasileira e também na produção de conhecimento e arte. Nela, com aparência de simples oração, está contida alguns fragmentos importantes do processo histórico da colonização brasileira, e de seus dispositivos de respiro e sobrevivência. A civilização europeia nunca conseguiu se estabelecer nos trópicos sem uma devida resistência, ou mediante um processo tenso de adaptação aos meios da cultura local produzida na América portuguesa. Entre esses pontos, podemos mencionar o papel do carnaval que em terras tupiniquis atingiu cores, saberes, sabores, texturas, e aromas singulares, e que criou uma parte importante da memória coletiva do Brasil.

Como cantava em sua música mais conhecida “*Ó abre alas*” Chiquinha Gonzaga, disse em seu primeiro verso “Ó abre alas que eu quero passar, eu sou da lira, não posso negar” antecipando e profetizando na letra toda uma liberdade e emancipação feminina que demoraria décadas para se cristalizar em sua plenitude social. A enunciadora da música assumia seu papel como integrante da festa, e parecia não se importar com as opiniões alheias quando menciona as palavras que “não poderia negar”. Dito isto, é hora de colocar o bloco na rua parafraseando o sucesso musical de Sérgio Sampaio, adaptando o verso para os tempos atuais que envolvem diversas limitações sanitárias, avaliando os meios que temos em mãos, ou melhor, em telas e écrans.

Em outras palavras, colocar o bloco na rua neste momento histórico de fevereiro de 2021 pode significar invadir outros meios, explorar outros limites, e entre esses, o meio digital em comunhão com as capacidades do imaginário e

da criatividade artística. Assim nasce o desejo dessa exposição de explorar o carnaval colocando momentaneamente o bloco nas ruas digitais que são possíveis com os instrumentos que melhor sejam cabíveis. O cantor Gilberto Gil em sua canção “*Pela Internet*” menciona em um verso as seguintes palavras “Um barco que veleje nesse info-mar. Que aproveite a vazante da info-maré”. Essas palavras que servem de inspiração para pensar o meio de transmitimos nosso carnaval.

O carnaval sempre navegou nas ruas, nos becos, nas avenidas, nos corpos, nas multidões, nas músicas e em outros, mas pode ocupar outros espaços como o virtual, como as páginas de livros, como as obras de artes, ou mesmo ocupar a animação e vibração dos nossos corpos onde eles estiverem. Nas páginas seguintes observaremos como o carnaval pode atravessar outras fronteiras sem se estabelecer em um porto seguro, ou melhor, o carnaval sempre foi de enfrentar o mar revolto, e que continua seguindo o fluxo da maré das artes e das potencialidades que a internet pode oferecer, apenas mareando por outros oceanos. Desde já agradeço aos: mestre-sala e porta bandeira da estação acadêmica de Zagut, Augusto Herkenhoff e Isabela Simões pelo convite, e parabênizo todos os artistas foliões presentes nesse catálogo e que mantiveram o espírito de afetivo que envolve o carnaval.

A origem do próprio carnaval tem sua dimensão incerta, mas creditável em uma mistura de festas e homenagens a divindades pagãs que ocorriam em sociedades da antiga Grécia e da Mesopotâmia. A palavra “carnaval” tem sua etimologia na expressão latina *carnis levale*, que significa retirar a carne. Trata-se de um significado que atende diretamente interesses de ordem religiosa associados ao início da quaresma na quaresma com o término na pascoa.

Fica evidente que existe uma aproximação entre os universos religioso e mundano quando mencionamos o carnaval. A própria escolha da data que varia conforme o ano é derivada da *Pessach* que é a fuga do povo Hebreu da escravidão no Egito presente no judaísmo, de festas pagãs presentes no império Romano e por último do cristianismo. Existe toda uma conciliação de calendários dessas três origens na escolha da pascoa o que já denota seu aspecto sincrético.

A pascoa nasceu dessa dimensão que juntou uma mistura inter-religiosa e preceitos seculares. No caso do segundo ponto essa característica deixará marcas na forma de se comemorar o carnaval em países com ampla diversidade

cultural como no caso do Brasil. Em cada estado brasileiro a diferença de culturas e tradições imperou na construção das festividades carnavalescas, desde o desfile de escolas de samba no Rio de Janeiro, passando pelos trios elétricos em Salvador na Bahia, ou mesmo pela comemoração nas ladeiras de Olinda em Pernambuco, e isto não citando outros locais que mantêm suas memórias locais de brincar o carnaval à sua maneira. Podemos especular que o carnaval como hipótese é um reflexo da amalgama que forma o Brasil.

Mas não só o Brasil, também nossos companheiros latinos. Em seu livro “O labirinto da solidão” o antropólogo mexicano Octavio Paz discute o papel do carnaval na América Latina, mantendo uma proximidade da festividade como uma espécie de metáfora de um labirinto. Um labirinto é algo que se entra, mas que não há uma estabilidade na construção dos seus caminhos em direção a uma saída segura ou solução linear. A ambiguidade e o sentimento de dubiedade são as marcas de uma territorialidade que parece se metamorfosear em outras na sua interação. Em síntese genérica poderíamos apontar que para o autor: o latino-americano tem marca a introspecção e uma nostalgia como característica cultural, sendo que o carnaval poderia ser uma chave de interpretação e até mesmo de superação dessas barreiras, mesmo que por um estágio limitado de tempo.

É no carnaval onde o uso de máscaras não ocultam, mas sim, revelam, toda a potencialidade social do indivíduo. Uma simples fantasia comporta a potencialidade de transformar um corpo comum, em um rei ou rainha convertendo todas as concepções sociais. Neste ponto, o carnaval existe como uma espécie de catarse, uma saída de si, e uma expansão em direção a outros limites. Assim como o erotismo era apresentado para superar os limites em autores como G. Bataille, o carnaval, que pode ser pensado como um excelente palco de Eros, permite os limites serem transbordados.

Além disso, se explorássemos as raízes da palavra fantasma em sua origem grega chegaríamos a duas palavras: imaginação e fantasia. No carnaval exatamente vestimos uma fantasia, usamos nossa imaginação no mundo, e de certa maneira podemos exorcizar nossos fantasmas.

Carnaval, corpos, festividades.

O carnaval pode ser aproximado da ideia de um ritual. Todo ritual é um processo de atravessamento, onde após transpassá-lo, o indivíduo, não é mais o mesmo. Podemos compará-lo com o conceito de experiência. O corpo no carnaval é o principal personagem e o principal fruto do experimento. Um corpo que é inventado e que subverte a realidade do cotidiano. Um corpo que não é só individual, mas também, coletivo. Um corpo que se perde na multidão e que se compartilha e se mistura com outras subjetividades. Um corpo que se transborda e procura o contato com outros corpos. Um corpo que usa uma máscara e esconde e sua individualidade, justamente para tentar se encontrar.

Se estabelecermos um contato com o universo das artes são diversos os artistas que representaram, ou estabeleceram algum diálogo com as festividades carnavalescas. No período medieval a obra de Pieter Bruegel *o combate entre o carnaval e a quaresma* apresenta de forma dicotômica a oposição entre esses universos. Com cores fortes, a cena percorre uma praça preenchida de personagens, cercada por construções arquitetônicas com marcantes características do período, e que mantêm em primeiro plano uma divisão dos integrantes quase que em dois grupos opostos.

O quadro é tão cheio de indivíduos em movimento e de cor forte que seduzem nosso olhar logo ao início, que essa polarização em grupos pode não aparecer, mas ela está lá existente como se fizesse uma tensão dialética na tela. Do lado esquerdo, personagens que surgem com corpos representando o excesso, o sensual, o corpo em seu movimento diverso e imaginativo. Trata-se de um lado de acentuada utilização da cor que contrasta com os tons escuros no lado direito e com os movimentos controlados dos corpos cobertos por roupas religiosas em sua maioria. Além disso, uma igreja ao fundo superior direito parece ser o elemento que cria o movimento dos corpos nessa parte do quadro como se seguissem um caminho em círculo entrando no edifício e saindo para a rua.

De um lado, transbordamento, e de outro a austeridade. Existe uma sequência didática visual no quadro que apresenta a separação dos campos que o carnaval deveria ser: uma festa dos descontroles e que deveria caminhar para o comedimento da quaresma. Um combate em que a vitória estaria no campo da contenção religiosa.

Porém, a idade média produziu outras formas de leitura do carnaval e algumas dessas práticas realizadas chegaram ao Brasil colônia na forma do entrudo. Tratava-se de uma brincadeira que consistia em tomar as ruas e usar diversos líquidos como aromas e outros atirando uns nos outros, tendo em alguns casos a utilização de músicas. A tradição que viria de Portugal seria considerada imoral por parte da elite, que durante o século XIX tentaria incorporar na corte do Rio de Janeiro um carnaval com traços franceses que valorizassem bailes e vestimentas mascaradas e que seguisse uma etiqueta principesca. A atitude atingiu uma pequena parte da sociedade, mas a cultura das ruas permaneceu pulsante e viva.

Neste sentido o artista Jean-Baptiste Debret realizou uma pintura que captou uma manifestação de rua do entrudo. Nela, em primeiro plano observamos uma mulher, provavelmente escrava ou liberta, carregando uma cesta de fruta na cabeça, e que tem seu rosto tingido com um pó por um homem. Ela parece querer se esgueirar e se proteger da ação, enquanto o outro personagem procura atingir sua face. Do lado direito vemos outro personagem que parece lançar um líquido, enquanto do lado esquerdo podemos observar alguns personagens mascarados. A cena ocorre na rua e contém uma ação dos corpos que configura um movimento constante como se tivesse um antes, durante e após.

O entrudo foi uma manifestação tipicamente popular e que manteria as raízes do carnaval de rua no século XIX e que se desdobraria no século XX. Se imaginarmos os espaços urbanos ganhando contornos de funcionalidade, e também, linearidade com a entrada dos automóveis e das grandes avenidas como na reforma Pereira Passos, o carnaval foi surpreendentemente uma retomada do espaço cedido ao “progresso” para a dimensão do corpo do movimento brincante. Como se a rua fosse uma enorme tela, e o carnaval uma linguagem de expressão artística.

### Carnaval e Hélio Oiticica

Entre os artistas do século XX, provavelmente o que mais incorporou o carnaval em sua produção artística de maneira original tenha sido Hélio Oiticica. A sua experiência com a comunidade e a escola de Samba do morro da Mangueira é marcante em sua arte. Desde sua primeira visita à comunidade,

diversos aspectos pareciam evidenciar e enriquecer uma troca profícua entre artista e o meio. Um diálogo que curiosamente levou Hélio a se tornar um excelente passista, e a desfilar durante anos na escola de samba e a criar sua obra mais marcante intitulada Parangolé. Esse movimento de troca permaneceria presente em outros objetos artísticos, como em alguns bólides, mas seria momentaneamente distanciada no momento em que Hélio viveu no exterior. Ao retornar ao país essa conversa com o carnaval seria retomada.

Mas antes disso, é preciso salientar o início de seu percurso artístico em que as obras de Hélio Oiticica, um grande pesquisador dos limites das artes e do questionamento sobre o que é o objeto artístico foram gradativamente sofrendo diversas transformações. Desde seus primeiros trabalhos em pintura nos Metaesquemas, até chegar à fase denominada *Mundo ambiente*, o objeto artístico passa por mudanças, sobretudo, uma decomposição de suas bordas e zonas limítrofes, e estudos de possíveis novas conexões. Como diria em uma de suas frases mais marcantes: “a pureza é um mito”

Ao chegarmos nos Parangolés o objeto de arte se torna praticamente um desdobramento do corpo, ou o corpo em si. Uma fantasia que cria uma liberdade que pode ser experienciada da forma que o proponente deseje. Não existe regra de como vestir, e muito menos de como se comportar, sendo a própria manifestação do corpo a obra em si.

Com isto, a obra sai totalmente de seu suporte pedestal e de seu templo do museu ou galeria e ganha as ruas, os corpos vivos e vibrantes que lembram o carnaval em sua plenitude. Os desfiles das escolas de Samba, ou mesmo os blocos carnavalescos já apresentavam essas ideias, e alguns conceitos foram deslocados e adaptados para obras que qualquer um poderia vestir, ou melhor, qualquer um poderia se transformar. A premissa era basicamente uma vestimenta e um corpo a se movimentar. Tratava-se de uma performance ou um ritual de passagem pra um novo fim ainda indefinido.

Nisso a proposta de Hélio iria na direção de uma descoberta, ou mesmo, redescoberta do corpo. Uma decodificação que a dança, ou mesmo, o carnaval seria capaz de provocar em encontro simultâneo com o desconhecido, e consigo mesmo. A imanência do corpo sendo explorada como criador de sentido e atravessamento de significados.

Já em seu retorno ao Brasil, Hélio Oiticica realizou o evento coletivo “esquenta para o carnaval” em 1979, que reuniu um conjunto de performances e bólides realizados em um bar próximo à comunidade da Mangueira no Rio de Janeiro. Haviam passado mais de dez anos desde a criação dos Parangolés e o carnaval voltava a ser fonte de inspiração direta e criativa para o artista. Entre esboços encontrados após sua morte precoce havia indícios de que seguiria tendo o carnaval como um grande interlocutor.

### Conclusão.

O carnaval é um instrumento de criação de cultura e por isso de expressão artística. Nas palavras do apóstolo João presentes na Bíblia o mistério da encarnação é resumido na seguinte expressão “o verbo se fez carne”. Podemos pensar nessa expressão para esboçar como o carnaval é um espaço de arte e de criação em que ideias ganham materialidade, assim, como uma fagulha vira uma obra de um artista. Nesse catálogo é possível observar diversas dessas fagulhas formando um verdadeiro bloco carnavalesco e que esperamos que desfrute, que viva. São obras-fantasia para se pensar e fazer sair fora de si. De desejar ser outro, sem deixar de ser a si mesmo. Ou de simplesmente aproveitar um pouco de alegria, pois como também disse Oswald de Andrade no manifesto antropófago “Alegria é a prova dos nove”. E a melhor conclusão é fechar com alegria e continuarmos fazendo carnaval.

### Bibliografia

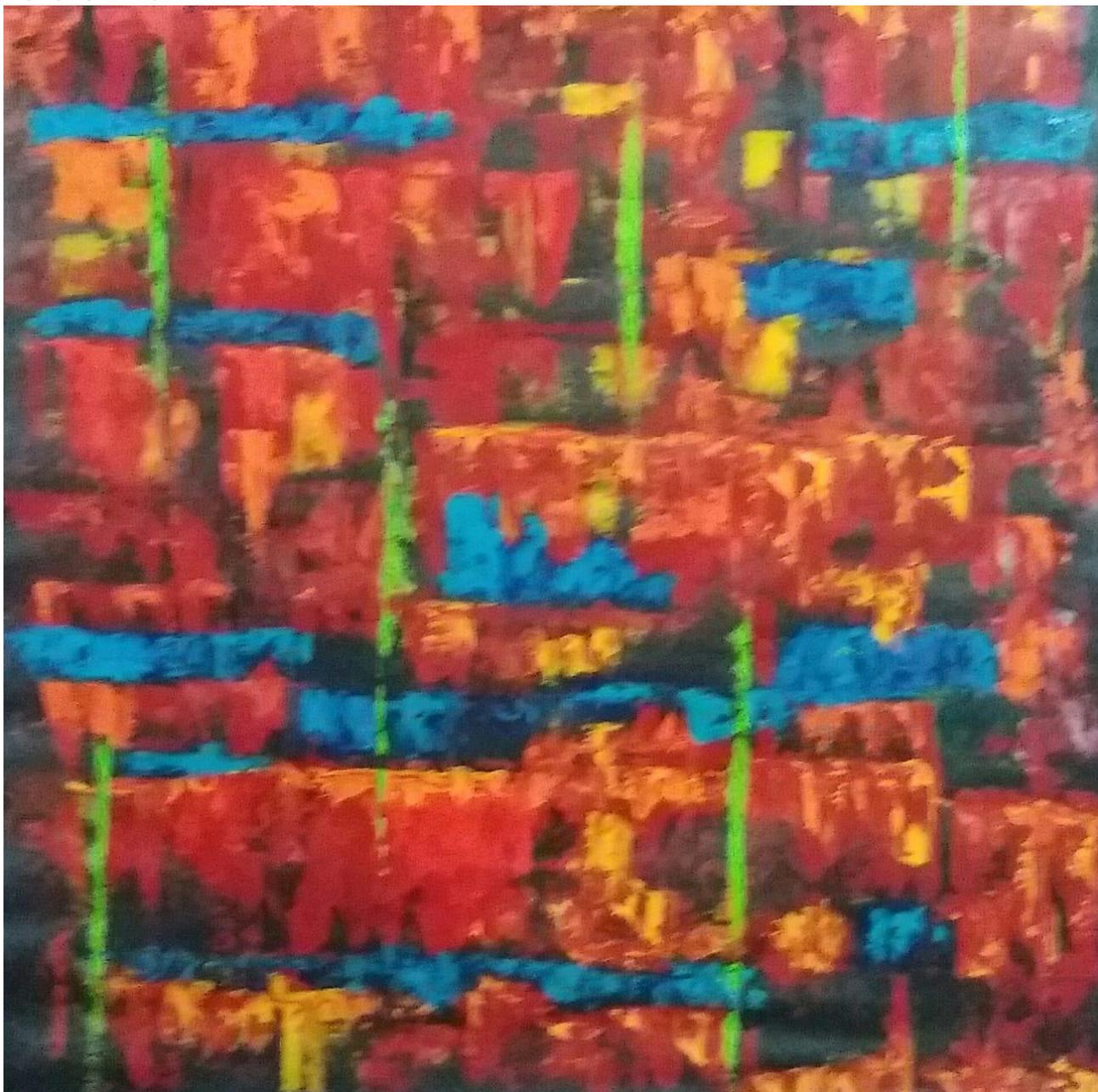
- ANDRADE, Oswald de. **Do Pau-Brasil à antropofagia e às utopias**: manifestos, teses de concursos e ensaios. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1972
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Ecoss da folia**: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920. São Paulo: Companhia das Letras, 2001
- FAVARETTO, Celso F.,. **A invenção de Hélio Oiticica**. São Paulo: EDUSP: FAPESP, 1992.
- PAZ, Octavio. **O labirinto da solidão e post-scriptum**. 2. ed. -. Rio de Janeiro ; São Paulo : Paz e Terra, 1984.
- SANTIAGO, Silviano. **As raízes e o labirinto da América Latina**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- SALOMÃO, Waly. **Hélio Oiticica**: qual é o parangolé? e outros escritos. Rio de Janeiro: Rocco, 2003

Abraham Alcaim



Mais de 1000 palhaços no salão; acrílica s/ tela; 70 x 50 cm; 2020

Adriana Brito.



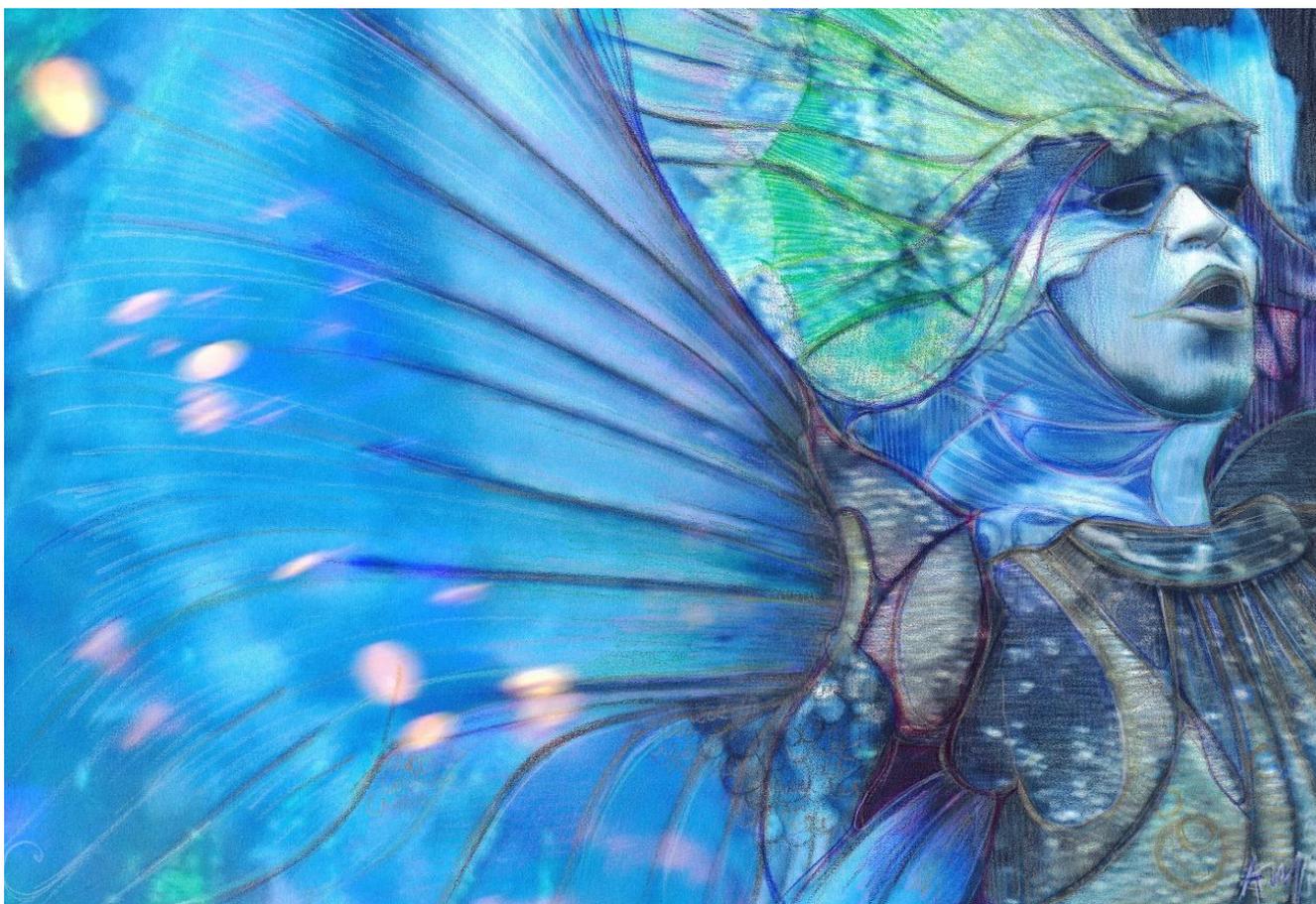
Alegrias, série Dizeres; acrílica s/ tela; 100 x 100 cm; 2019

Adriana Montenegro



S/ título; técnica mista; 21 x 29 cm; 2020

Adriana Moura



Alegoria; fotografia com interferência Digital e lápis aquarelado em Impressão fine arts; 29,7 x 42 cm; 2018

Lá vem a folia!

É samba no pé,  
confete e serpentina,  
ritmo e fantasia,  
É som que bate e rebate que nem o coração...

Ô abre alas que o Carnaval quer passar!!!

Alcina Morais



Vivacor; fotografia; 50 x 40 cm; 2018; tiragem: 8

Ale Silva



Sinta Liga da Justiça; arte digital (base fotografia); 42 x 30 cm; tiragem 10; 2014

Alexandre Lambert



Vá de retro, Preconceito!; estandarte em madeira pintada e placa de compensado 4mm; estandarte 196 cm; placa 75 x 43 cm; criação e confecção para o desfile do Bloco Bienal Vade Retro Abacaxi 2015/ restauração 2020

Alexandre Palma



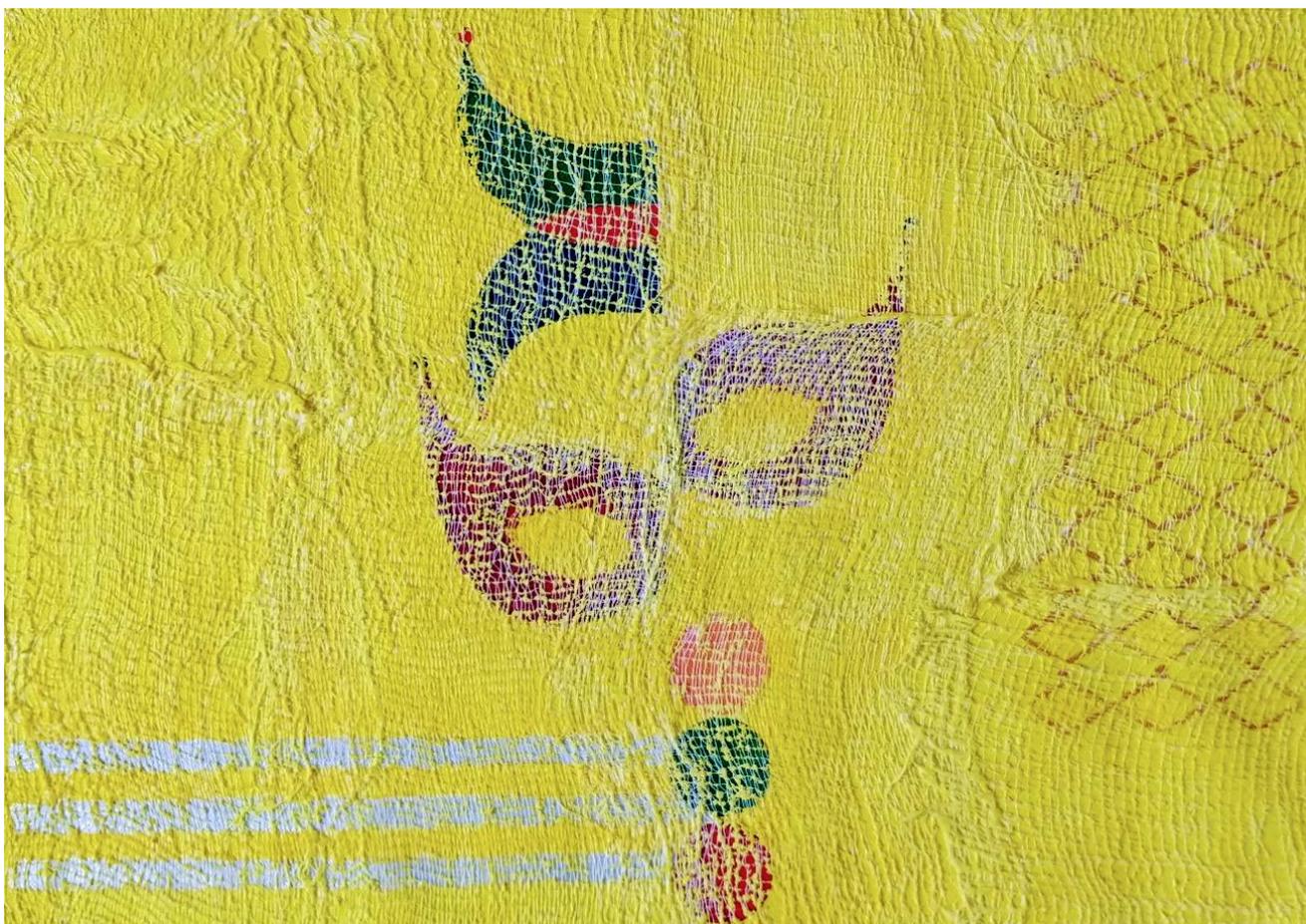
Estudo nº IV, série Cacique de Ramos; aquarela s/papel Canson; 21 x 27,5 cm;  
2021

Alzira Judice



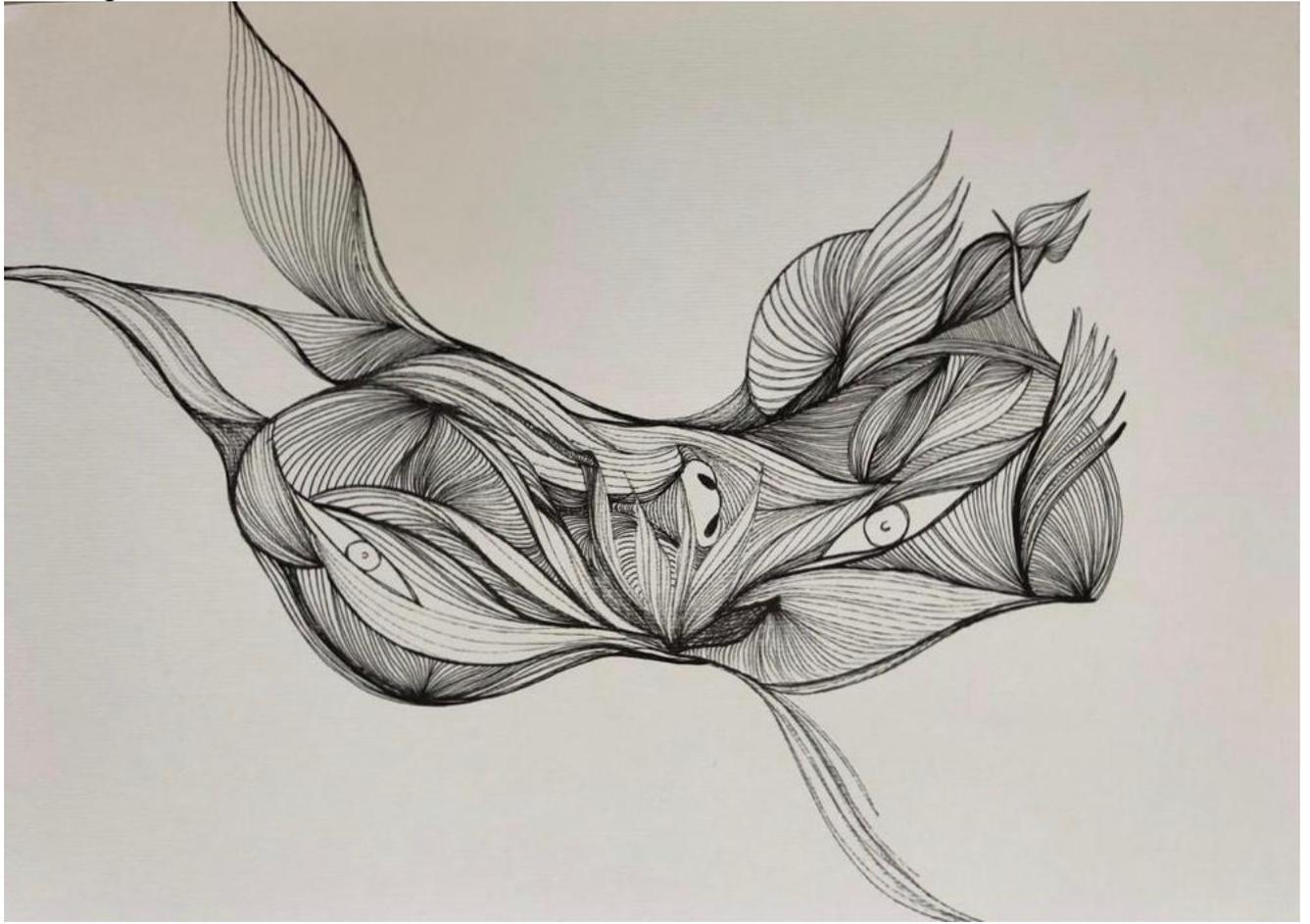
Monstera, série Folhas; acrílica s/ tela; 70 x 60 cm; 2021

Ana Angelim.



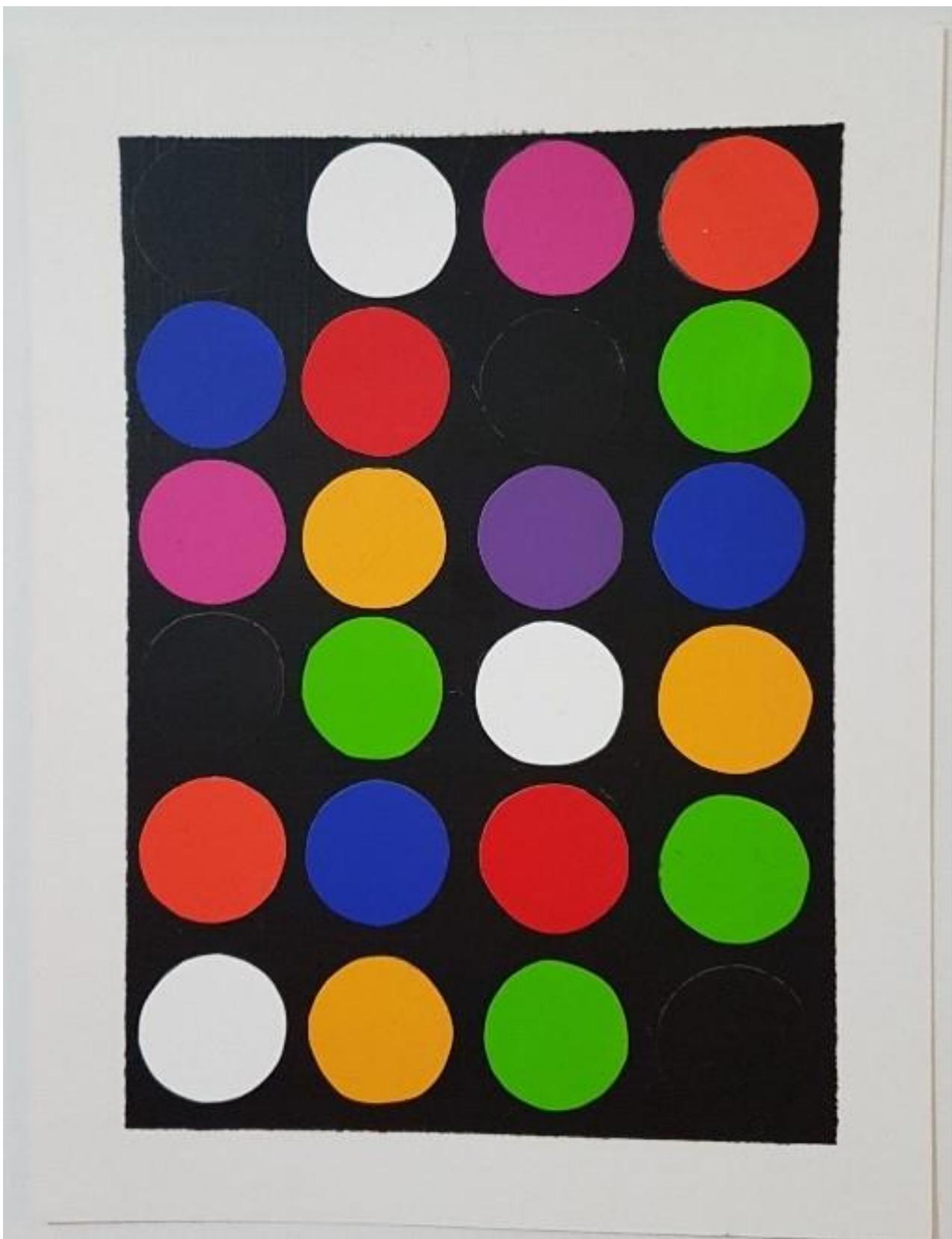
Fantasia Isolada; acrílica, giz pastel oleoso e colagem s/ tela; 30 x 42 cm; 2021

Ana Argôlo



Seja você quem for; nanquim s/ Canson; 29,7 x 42 cm; 2021

Ana Cristina Teixeira



Confetti; acrílica s/ papel Hahnemühle; 24 x 32 cm; 2021

Ana Luiza Mello



Cinzas; fotografia e manipulação digital, impressão em papel Couché 300gr; 30 x 42 cm; 2021

Ana Mattos



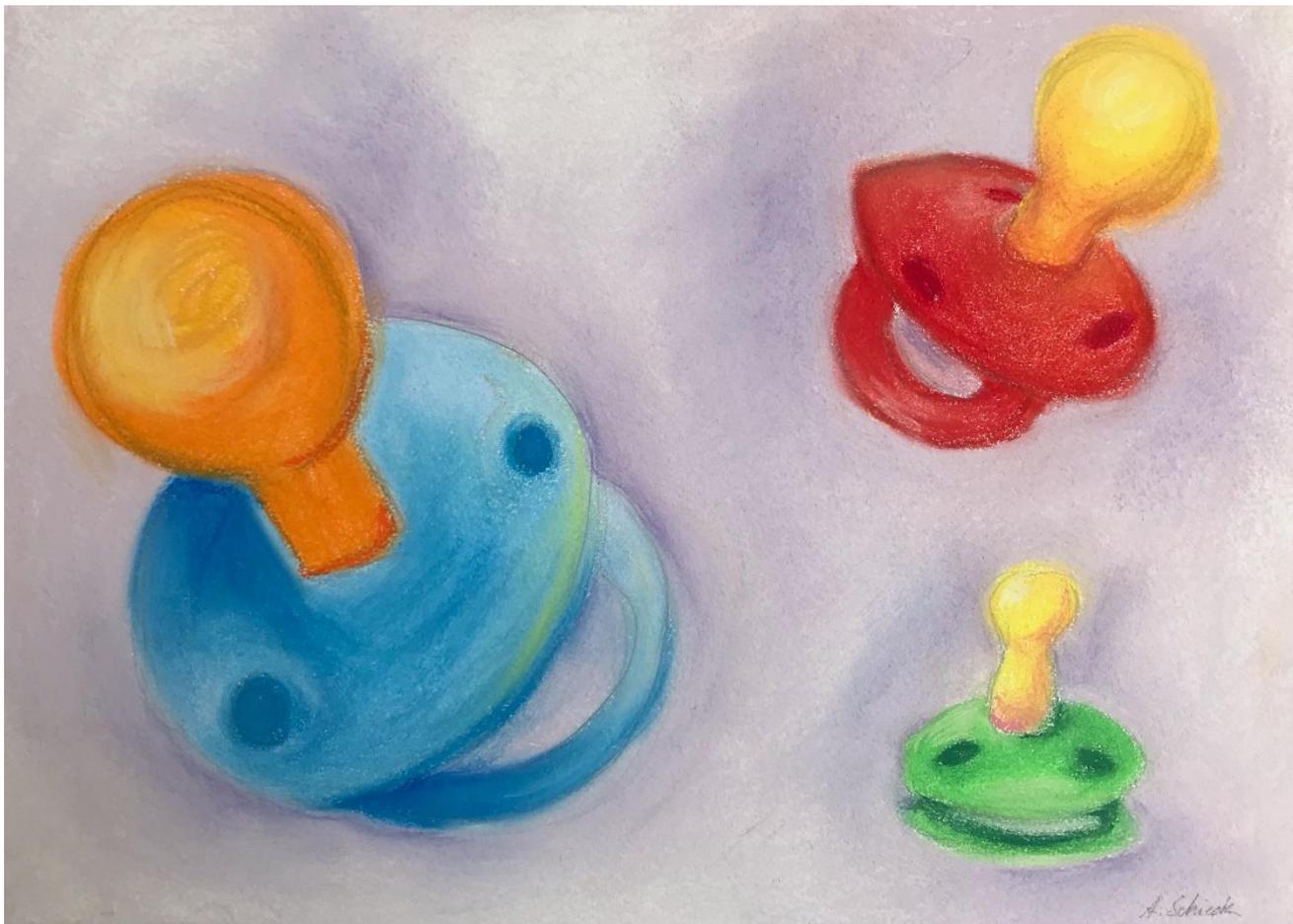
Quem dera gritar; fotografia digital; 29 x 42 cm; 2021

Ana Paula Guinle



Passista, Colagem fotográfica digital de um ato dançante solitário; auto-retrato;  
39 x 39 cm; 2020

Ana Schieck



Mamãe Eu Quero; pastel seco s/ papel de aquarela W&N; 42 x 29,5 cm; 2021

Andres Papa



Carnaval, políptico (4), canetona à têmpera sobre papel 300, 42 x 60 cm (cada), 2019

Angela Gentile



Arlequins e colombinas; acrílica s/ tela; 50 x 30 cm; 2020

Angela Mello



Máscara; cerâmica revestida de azulejo preto e branco e pastilha de vidro em cobre, mosaico; 42 x 26 cm; 2020

Anita Fizon



Roda Saia Gira Vida; acrílica s/ tela; 80 x 80 x 12cm; 2019

Antonio Vieira



Bate-bola arlequinado na Cinelândia; ilustração com canetas esferográficas multicores Bic, e ajustes por manipulação digital, impressão em papel Couché matte 250gr; 30 x 42 cm; Tiragem: 5; 2020

Attilio Colnago



Sem título; têmpera de ovo s/ tela; 90 x 50 cm; 2021

Augusto Herkenhoff



AH confete; acrílica s/ tela; 50 x 50 cm; 2009

Bahie Banchik



Saia respirando feliz por aí...; colagem e técnica mista s/ papel Canson; 30 x 42 cm; 2021

Beatriz Campos



Carnaval: confete e serpentina (Mandala); acrílica s/ MDF e aplicação de selante e resina; 50 cm de diâmetro; 2021

Beatriz Matta



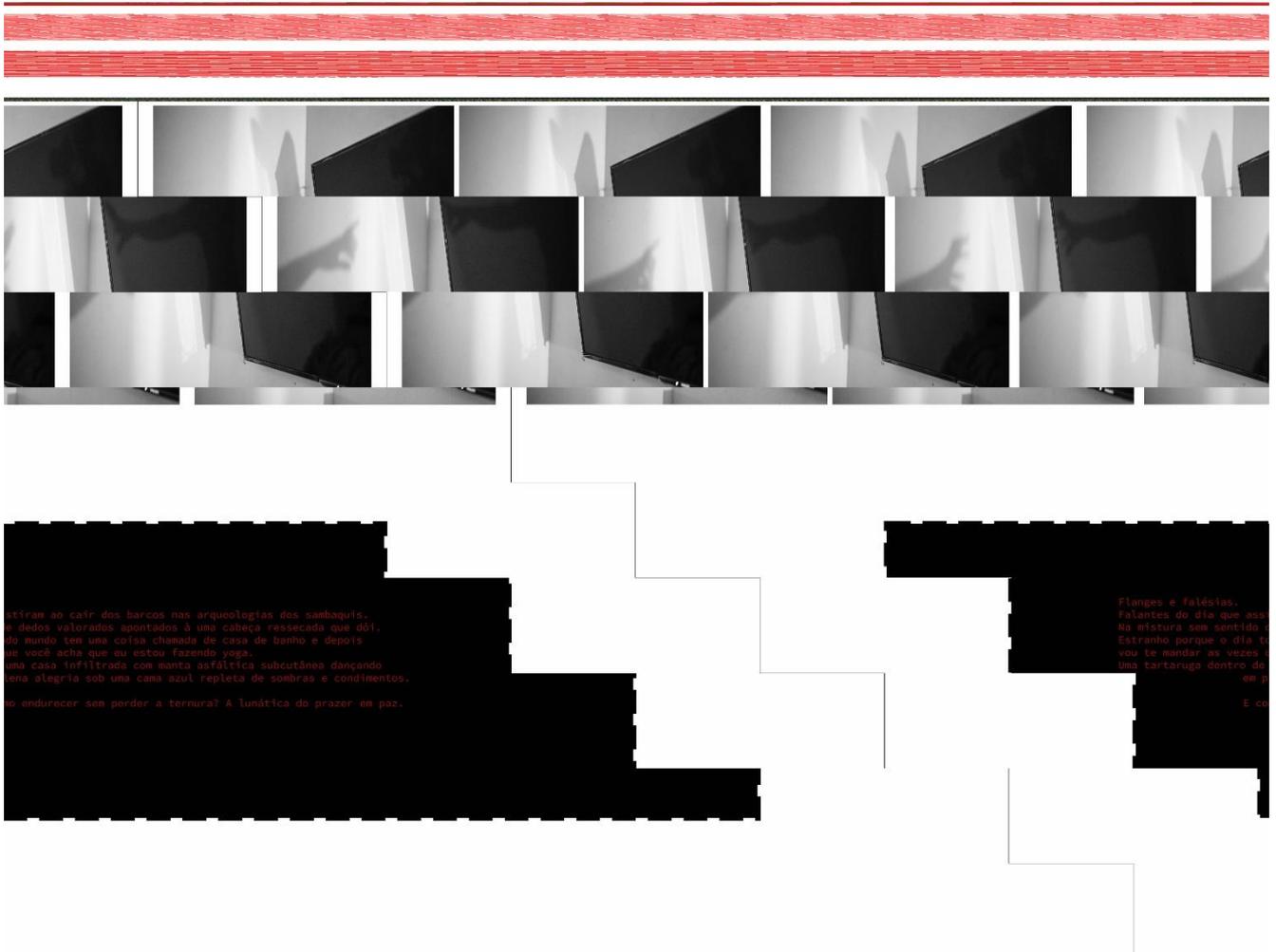
Intervalo; fotografia, apropriação performance; 63 x 35; 2016

Bel Guimarães



Mênade; acrílica s/ tela; 30 x 40 cm; 2021

Bel Mota



Traum 1/3; colagem digital; 189,19 x 157,87 cm; 2020

Benjamin Rothstein



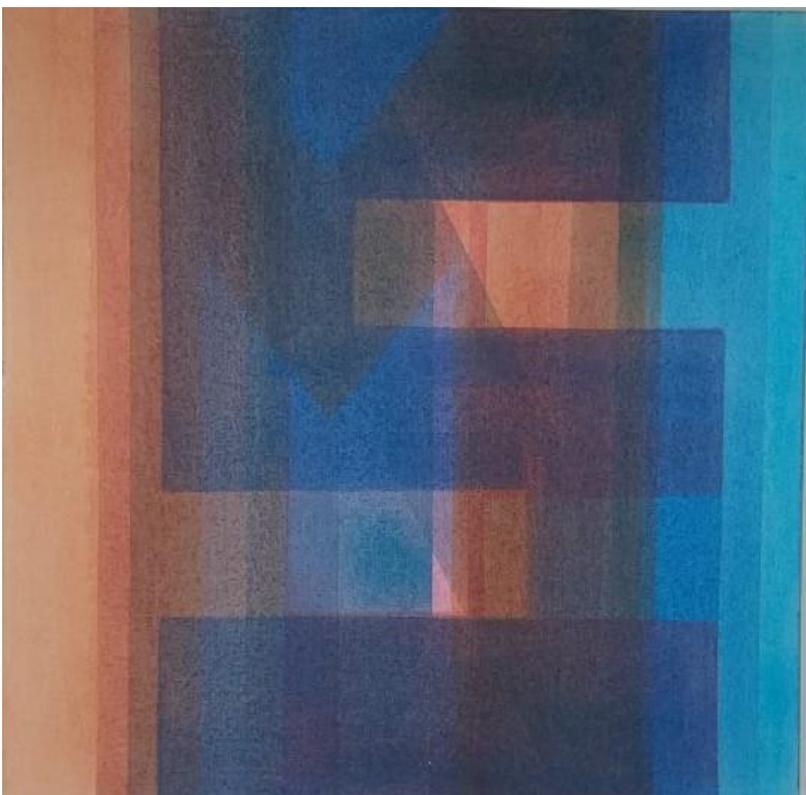
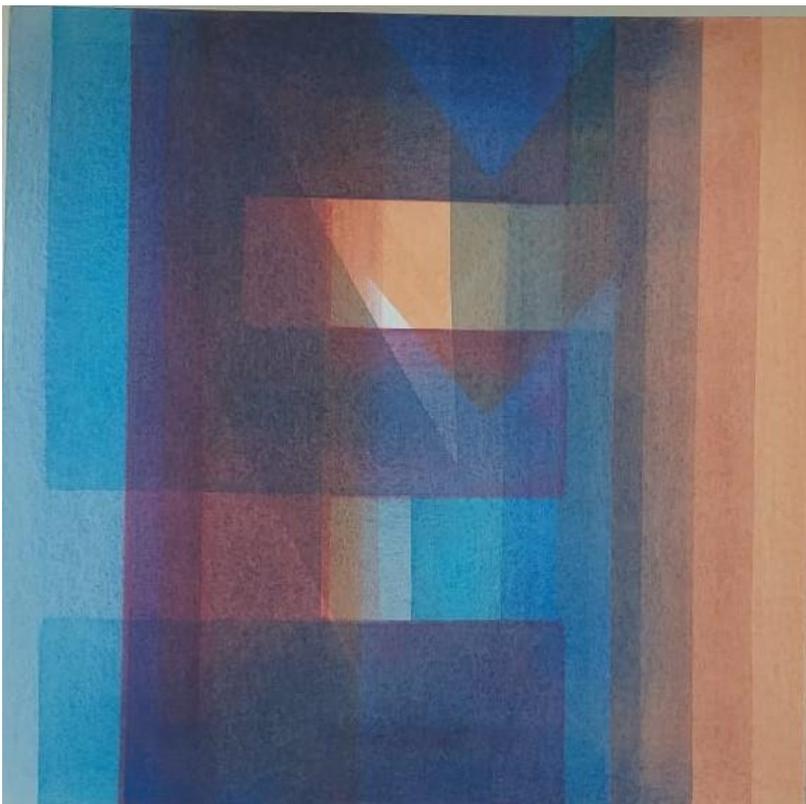
S/ título; acrílica s/ papel Kraft; 153 x 223 cm; 2021

Bosco Renaud



Plunger man; vídeo 30''; 2009

Carlos Borges



Série Meu nosso: 1-2021; acrílica s/ lona; 50 x 50 cm; 2021

Carmen Bello



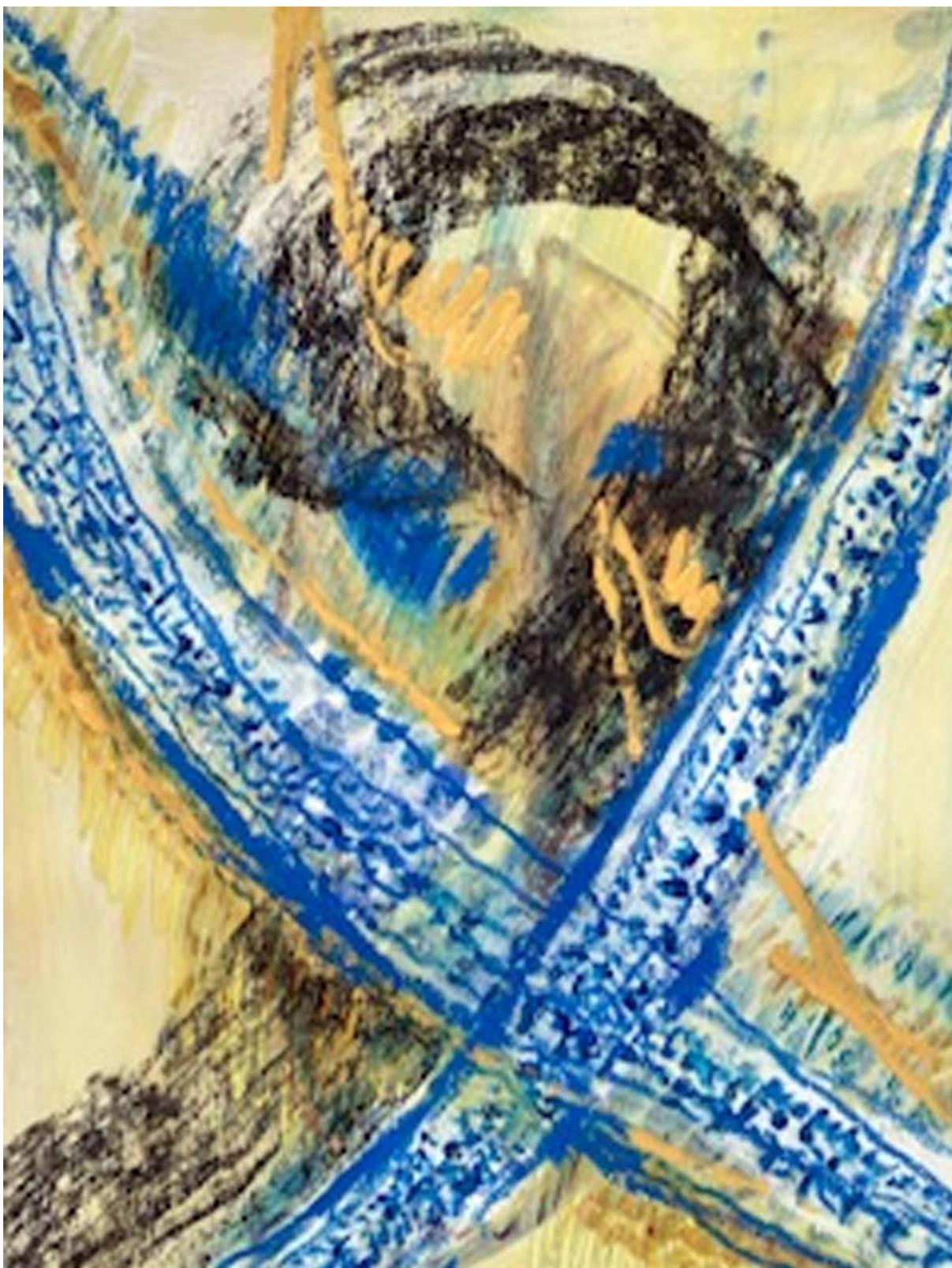
Triste Carnavid; acrílica s/ tela; 20 x 30 cm; 2021

Carmen Givoni



Dois mascarados; aquarela e acrílica s/ papel Canson 300g; 50 x 32 cm; 2021

Celia Gimenez



Homenagens para Assis Valente (Camisa Listrada) e o colar azul e branco para o afoxé baiano Filhos de Ghandi; técnica mista s/ Canson; 50 x 40 cm; 2021

Celina Noll



Carnaval de Arlequins, Pierrô e Colombinas; Modelagem, máscara, materiais, EVA, PVA, papel jornal, papel Kraft, entretela, arame, strass, impressão 3D, 40 x 40 x 20 cm; 2021

Celso Adolfo



O Ícone Dionisiaco da Diva Salomé; desenho grafite, spray, bricolagem s/  
madeira; 72 x 22 cm; 2017

Cesar Coelho Gomes



É hoje; óleo s/ tela; 50 x 100 cm (semicircular); 2019

Cesar Paes Barreto



Fogo no Barracão; arte digital em smartphone, impressão em canvas Canson matte 395 g com tintas de pigmento mineral; edição única; 60 x 42 cm e com 10 reprints impressão em papel Canson matte 180g com tintas de pigmento mineral, 48 x 33 cm; 2020

Chica Granchi



Carnival All-Seeing Board; técnica mista: acrílica e colagem s/ saco de papel Kraft; 30 x 30 cm; 2021

Claudia Carneiro



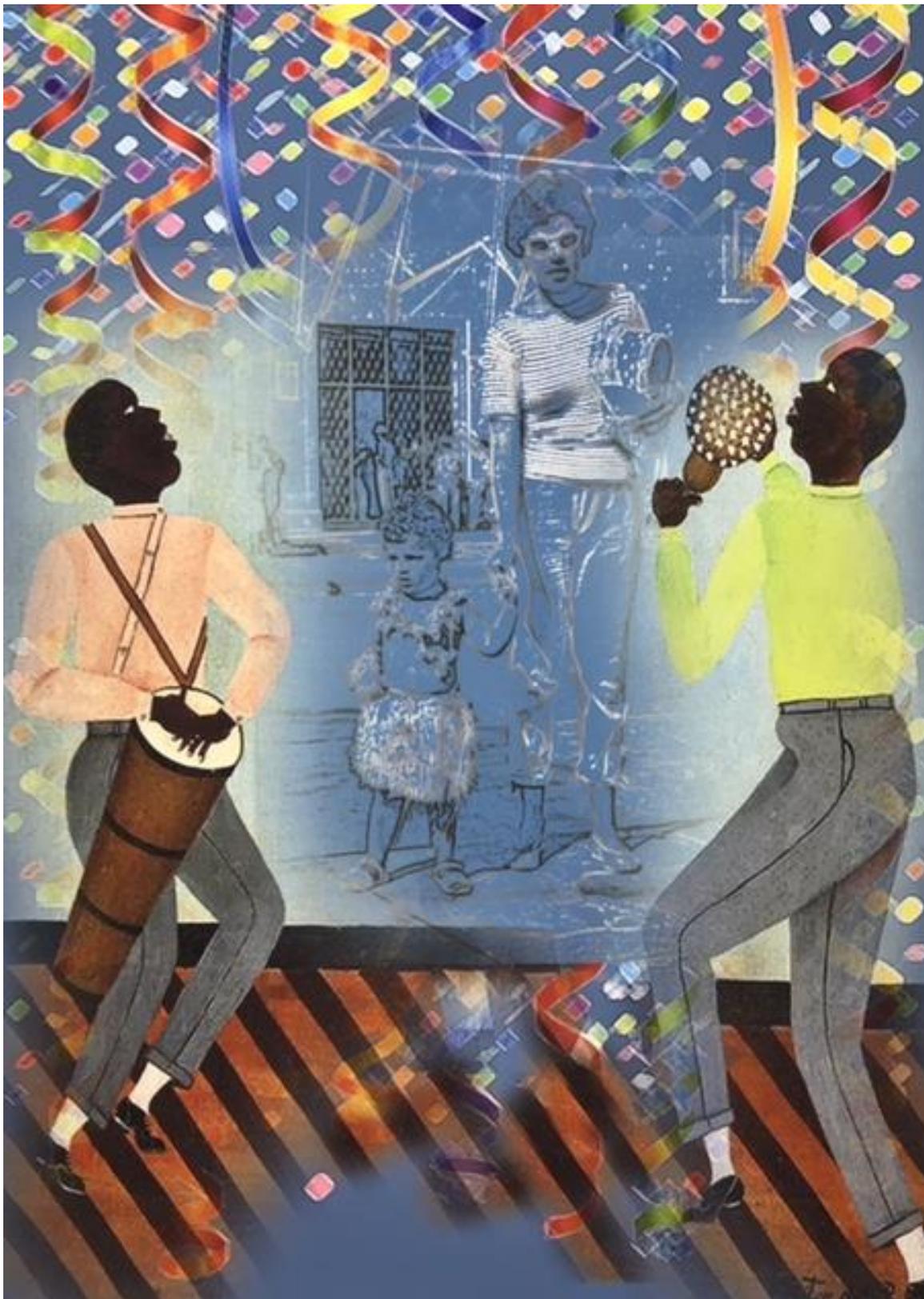
Ponto e Linha; acrílica e pastel a óleo s/ papel; 29,5 x 42 cm; 2021

Claudia Watkins



Eu quero é botar meu bloco em casa; tijolo com carimbadas; 20 x 10 x 7 cm;  
2021

Conceição Durães



Lembrança de um Carnaval, Série: Releitura de Infância; técnica Digital-  
Impressão em papel studio Enhanced 210g tinta ultra chrome HD; 42 x 60 cm;  
tiragem 5; 2020

Cunca Bocayuva



Carnaval sem alegorias; impressão em papel fotográfico; tiragem 5; 60 x 50 cm; 2021

Daniel Dobbin



Sua majestade o homem da meia noite; acrílica s/ papelão Paraná; 42 x 33 cm (pintura) e 59,5 x 49,5 cm (com moldura); 2019

Daniele Bloris



O Baile; aquarela e nanquim s/ Canson; 29,7 x 42 cm; 2021  
Vídeo: Poesia de Andréa Estevão

Débora Carneiro da Cunha



O Folião; aramado, fita de acetato e óculos; 90 x 29 x 19 cm; 2021

Deneir



A mais querida; madeira, alumínio reciclado, pandeiro pirografado e alfinetes;  
70 x 110 x 11 cm; 2009

Dirce Fett



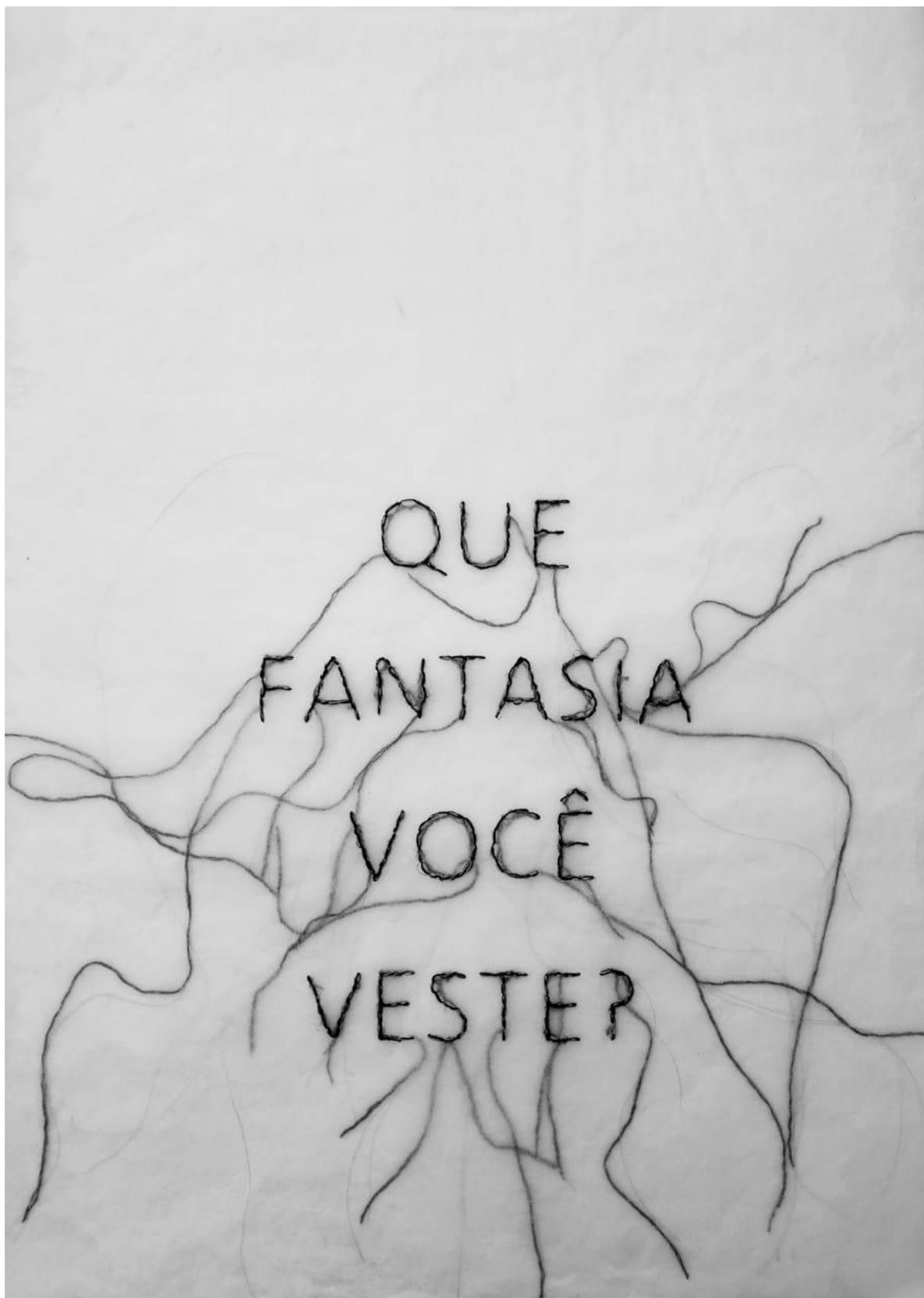
Solitária; acrílica s/ tela; 30 x 30 cm; 2009

Dora Portugal



Minha Vai-Vai Querida; mão livre em computação gráfica com impressão em fine art; tiragem 1/3; resolução 708 x 749; 25 x 27 cm; 2021

Dulce Lysyj



Que fantasia você veste?; bordado s/ papel croquis Canson; 42 x 59,4 cm;  
2021

Eda Miranda



Passagens...; fotografia, impressão em papel fotográfico fosco, vidro, moldura;  
40 x 40 cm; 2021

Edgar Fonseca



Carmen Miranda; desenho e colagem com figurinhas auto colante de futebol;  
80 x 66 cm; 1998

Edwiges Barros



Corações partidos; pastel oleoso e folhas secas de laranjeira; 40 x 30 cm; 2021

Elaine Fontes



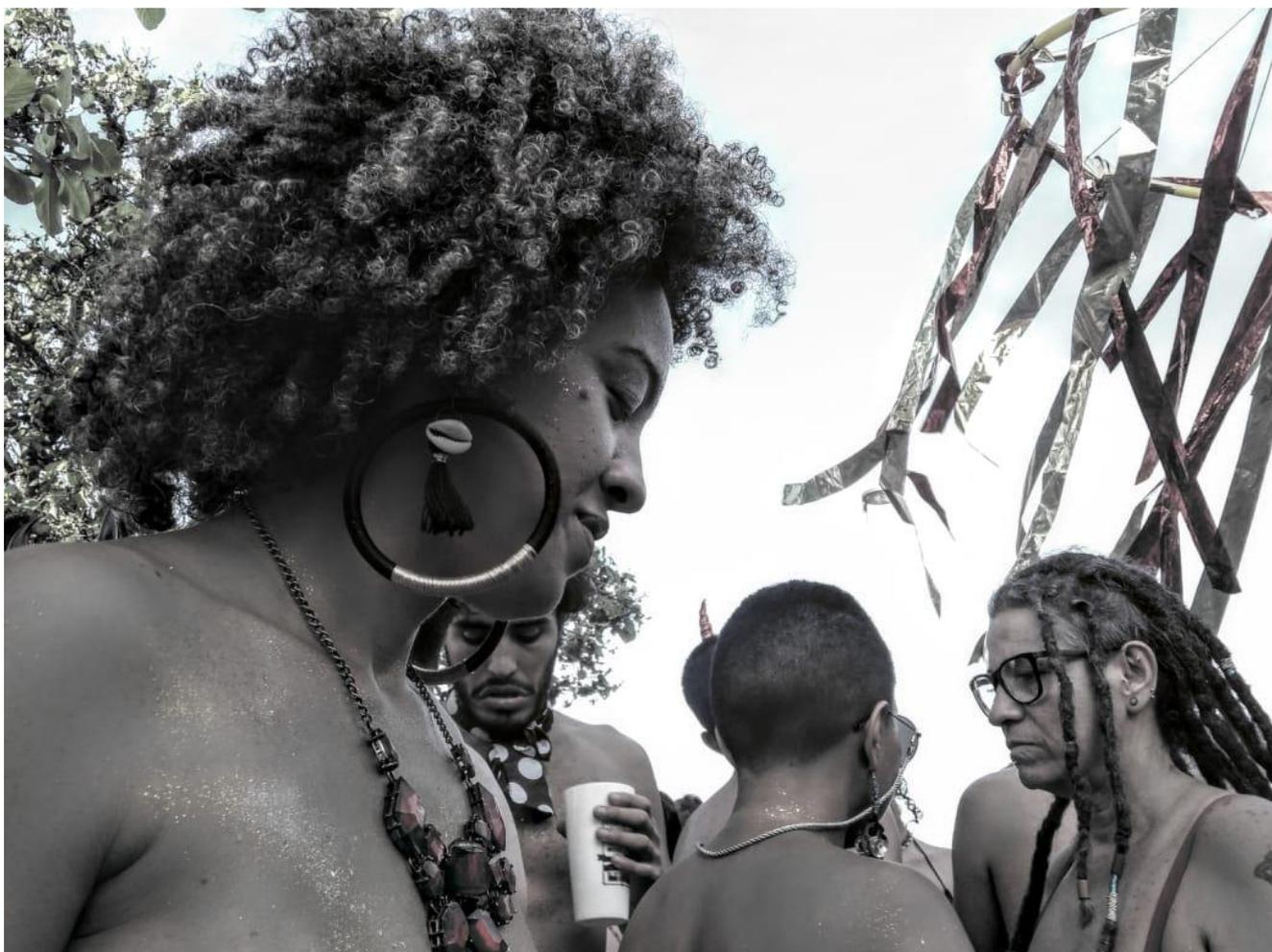
A grande festa; acrílica s/ tela; 60 x 60 cm; 2021

Eleonora Dobbin



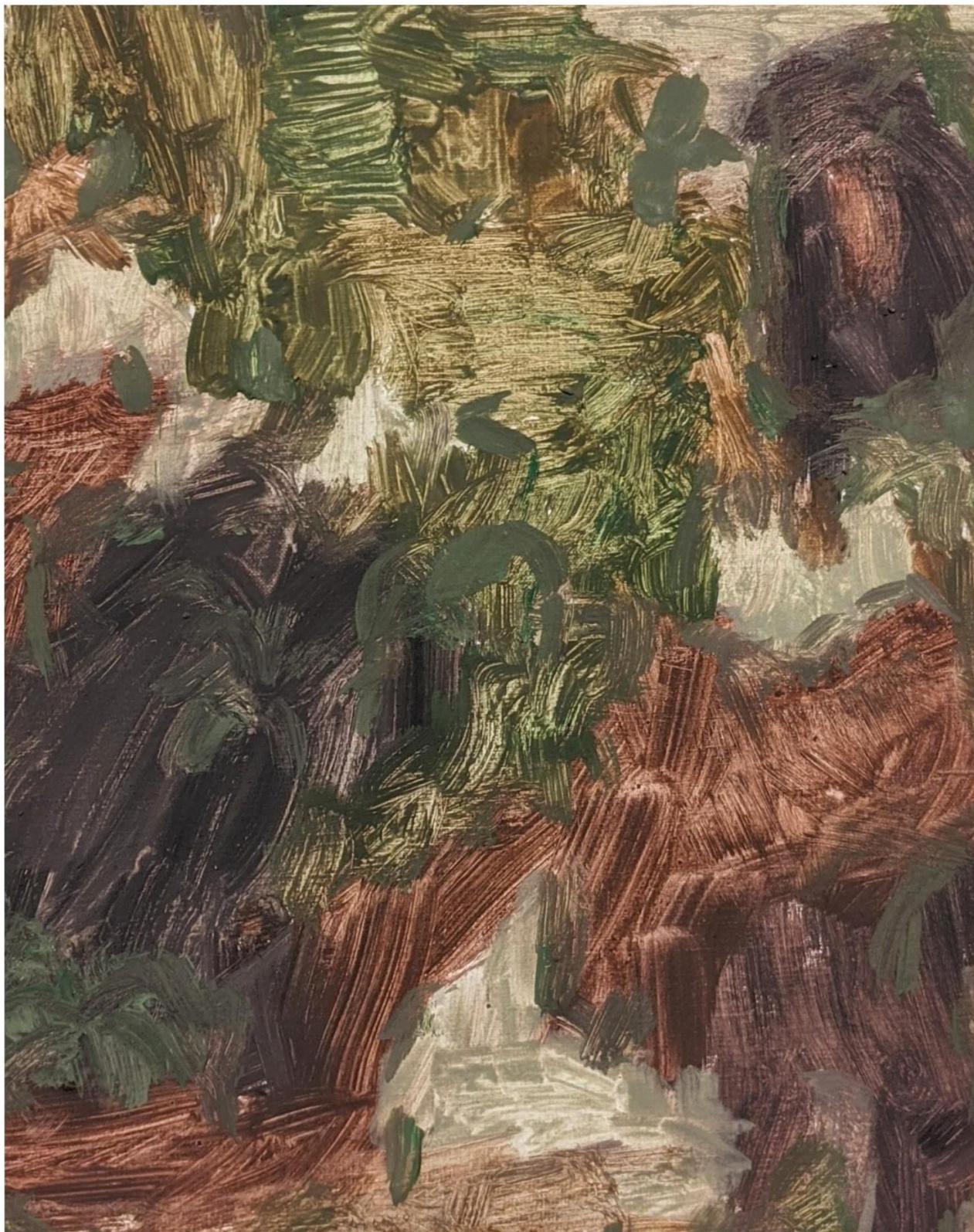
Hoje não tem frevo...; máscara de papel maché revestida com tecidos bordados com miçangas e vitrilhos em caixa de madeira; 28 x 32 x 9 cm; 2020

Elis Pinto



No carnaval somos todos iguais; impressão fotográfica; 30 x 42 cm; tiragem 10; 2017

Fernando Brum



Sem título; óleo s/ linho; 30 x 24 cm; 2020

Francinete Alberton



Quarta-feira de Cinzas; fotografia impressão fine-art em papel de algodão; 40 x 60 cm; 2015; tiragem 1/5

Galvão Jr.



Sem título; técnica mista s/ papel; 93 x 93 cm; 2021

Gardenia Lago



Acabou Nosso Carnaval; fotografia; 50 x 72,5 cm; tiragem 5; 2021

Gilvan Nunes



Gafieira; porcelana colorida esmaltada; 47 x 30 x 5 cm; 2021

Gloria Seddon



Revolução Zen-nudista (Selfie do trabalho Em homenagem ao Aimberé no Bloco Vade Retro Abacaxi, 2017, Cartaz e arte a partir de foto de Clarisse Tarran); 21 x 29 cm; 2017

Graça Pizá



Babeltítere; escultura; 200 x 20 x 15 cm; 2021

Helen Pomposelli



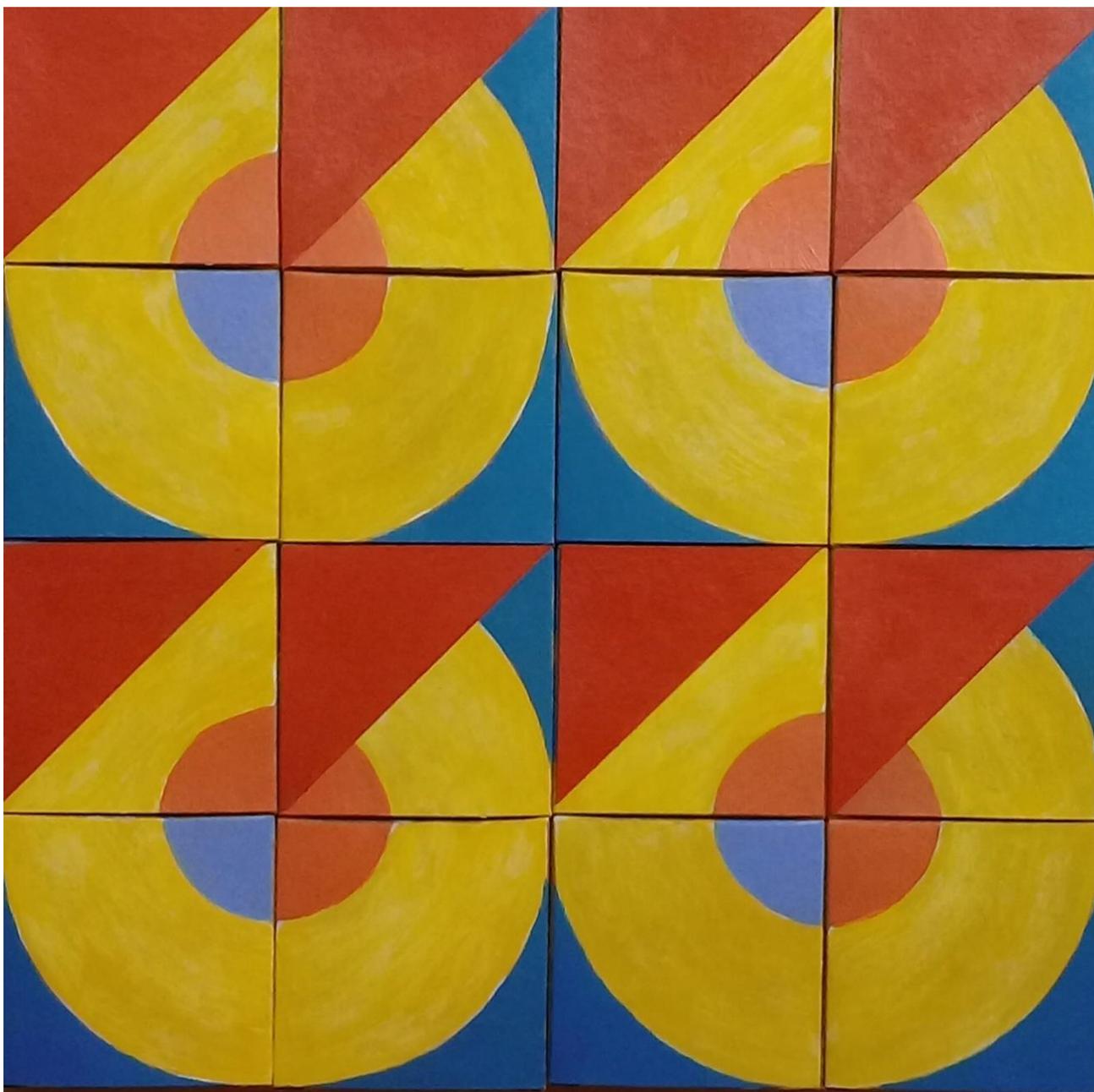
Suvaco sem máscara; fotografia impressão fine arts; 40 x 60 cm; 2019

Helena Lustosa



Do Parangolé ao Ideograma; acrílica s/ tela; 30 x 30 cm; 2020

Helena Wassersten



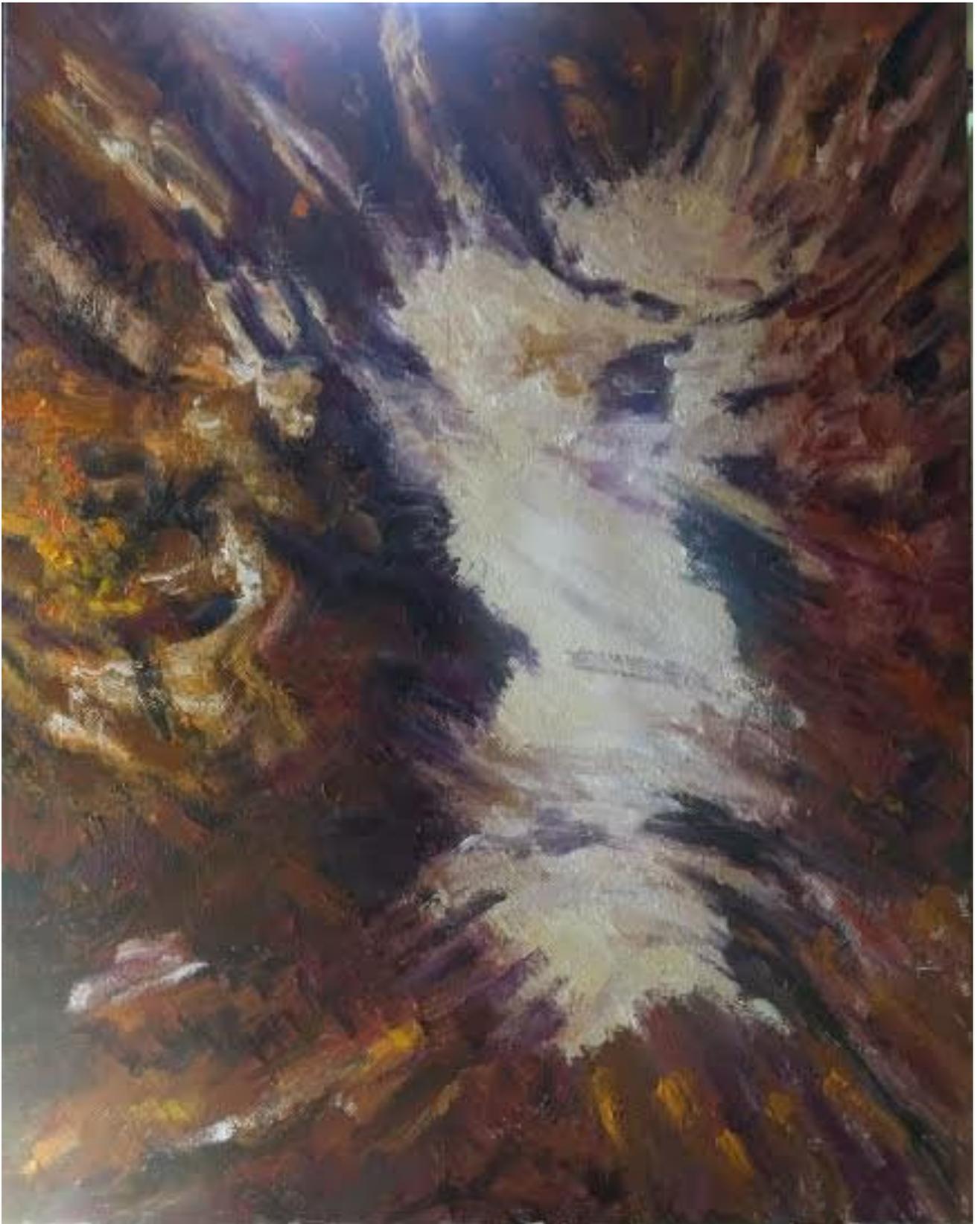
Abre alas; caixas de papel Kraft, acrílica, guache e cola; 26,5 x 26,5 x 2 cm;  
2021

Heloisa Alvim



Carnaval; porcelana; 30 x 30 x 5 cm; 2019

Hilario Almeida



Explosão de alegria; óleo s/tela; 80 x 60 cm; 2020

Hortensia Maria Pecegueiro



Concentração; acrílica s/ tela; 88 x 28 cm; 2021

Ilda Fuchshuber Falacio



A leveza da alegria; óleo s/ tela; 27 x 35 cm; 2021

Iraceia Oliveira



Desdobrável; geométrico pintado em aquarela e acrílica s/ papelão reciclado, tendo uma aba que se movimenta; 68 x 68 cm; 2020

Isabella Marinho



Folia; técnica mista, composição de 9 folhas de papel Vergé; 63 x 90 cm; 2021

Isis Braga



Sambódromo 2013; fotografia; 23,22 x 30,96 cm; Edição de 5 fotos; 2013

Izabel Lucas



O viver; a existência, série Pintura de carnaval ano 2018 no sambódromo-RJ; fotografia (díptico), impressão fine art Hahnemühle, papel de algodão e moldura filete; 45 x 30 cm; 2021

Jaci Castro

## Brincando no Carnaval

As cores bailam no salão  
em formas mil  
e eu me perco na batucada  
que me fascina.  
Sou uma bailarina  
ou mesmo um pirata  
faço parte desse feitiço  
aventureiro, malandro,  
insinuante  
que chamam de Carnaval.

Jarbas Paullous



Folia Cega; fotografia; 60 x 30 cm; 2021. Performance.

Janio Leonardelli



Maria Chiquinha; entalhe s/ pedra mármore; 41 x 21 x 24 cm; 2021

João Saboia



Ora bolas; impresso em papel fotográfico; tiragem 1/6; 24 x 42 cm; 2010

Jorge Cerqueira



Será que é; acrílica s/tela; 146 x 84 cm; 2021

Jose Francisco Rodrigues

Bola Preta

Almoçar no Bola  
É um ritual sagrado  
De todos os dias

Saber que estamos  
Naquela caçapa  
Resolve qualquer sinuca de bico

A dobradinha do comercial  
Nos dobra o estômago  
Lentamente

Depois é só amar  
E passear de mãos dadas  
Com esta Cidade Maravilhosa  
Vadiando por todos os cantos

Vadiando...amorosamente...

Jose Rocha



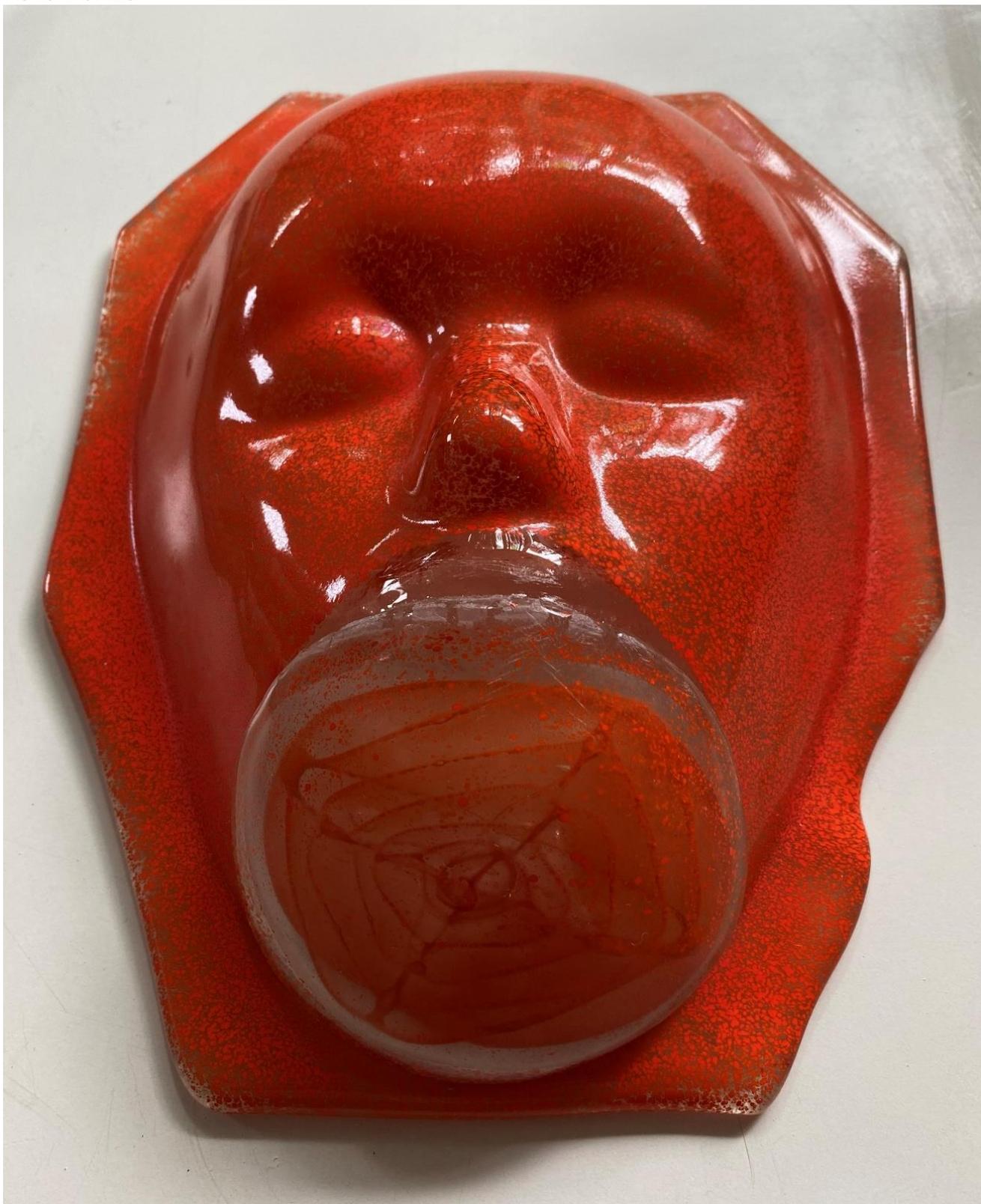
Tide, eterna cidadã do samba; diversas técnicas em papel; 46 x 32 cm; 2019

Judite Alice



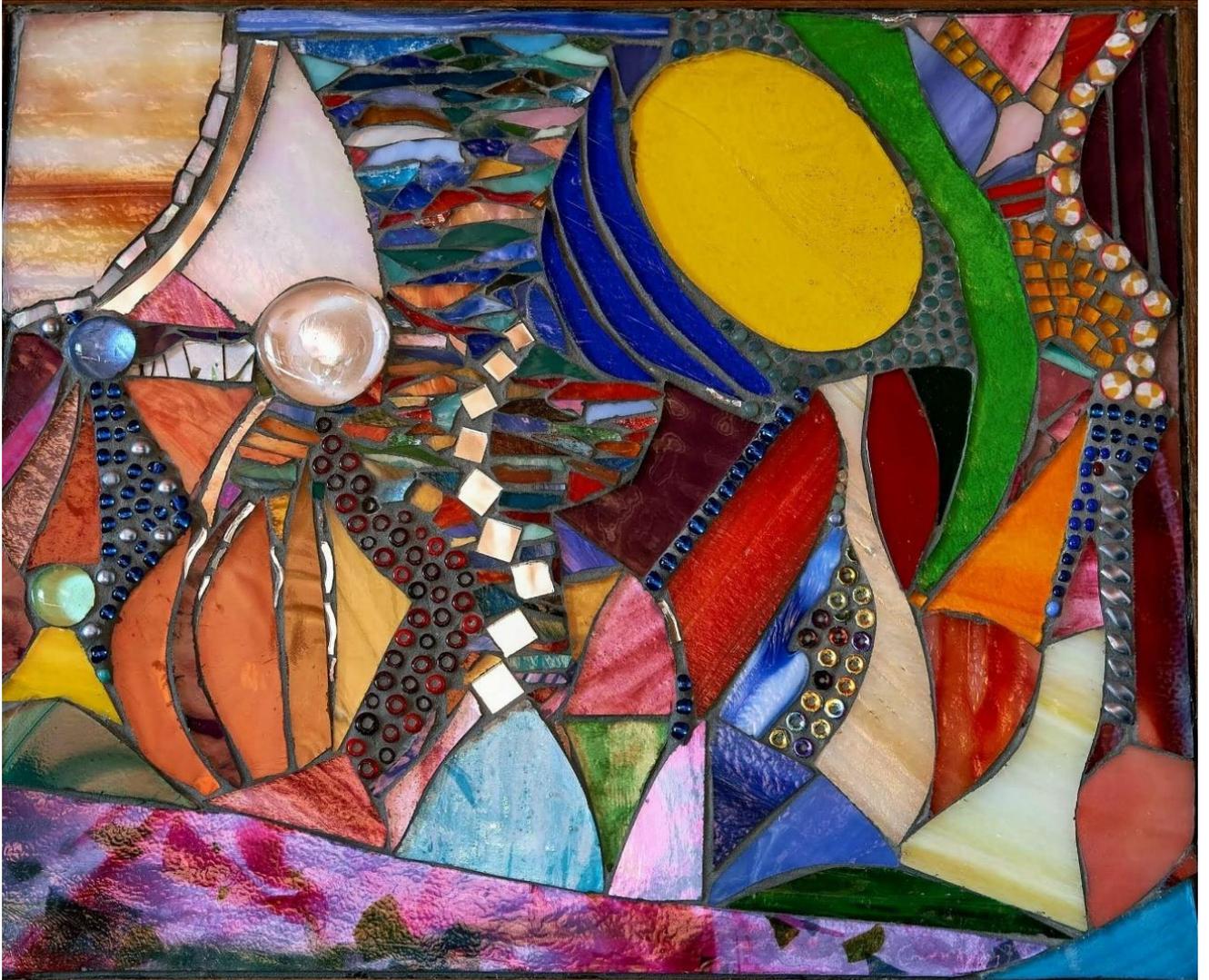
Confete e Serpentina; acrílica s/ tela; 70 x 50 cm; 2019

Katia Politzer



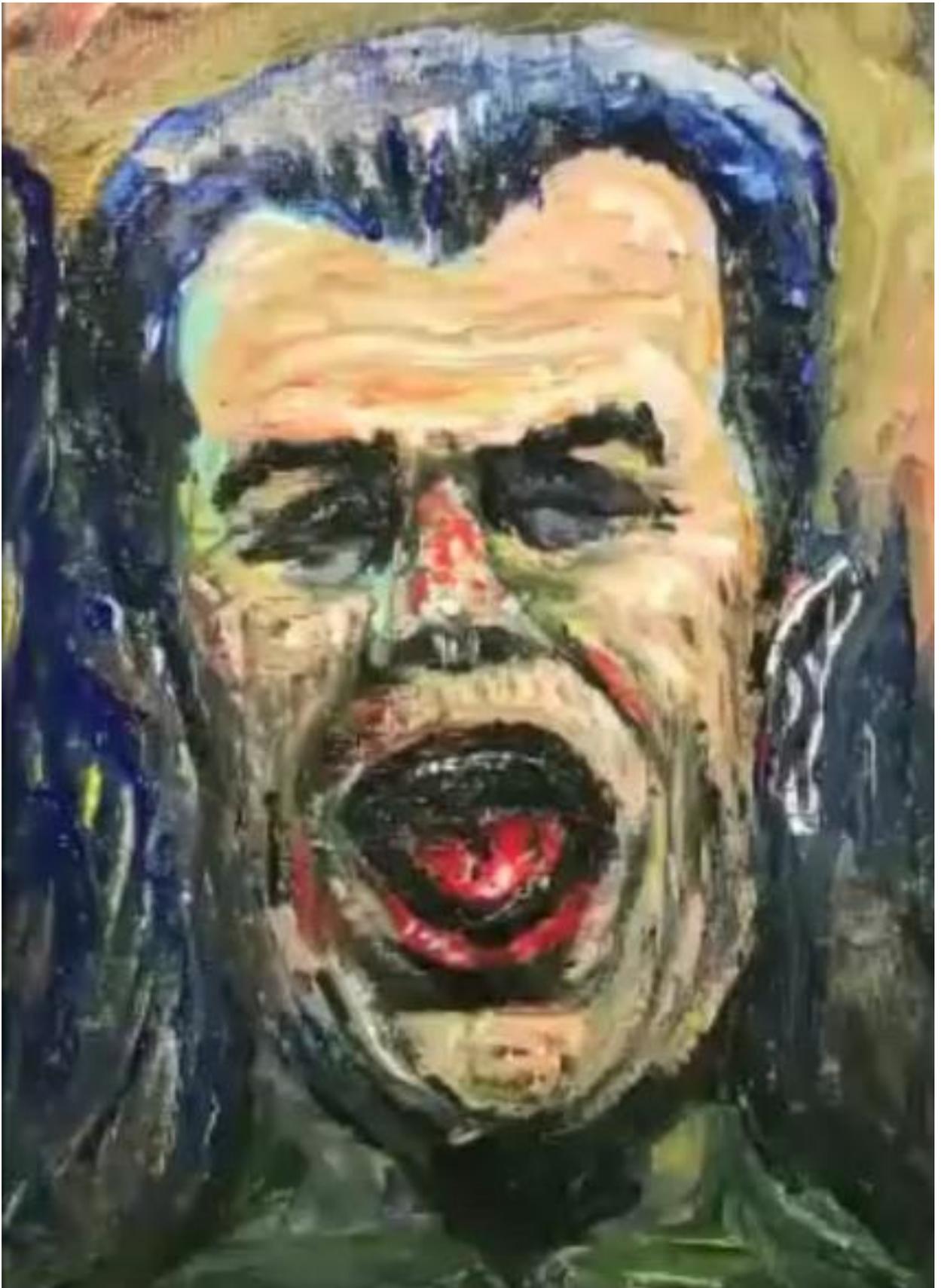
Bafo; vidro técnica "fusing"; 30 cm x 25 cm x 5 cm; 2021

Kika Beltrão



Natureza espontânea; mosaico de vidro colorido, contas e espelhos; 30 x 25 cm; 2019

Lando Faria



Cabeças decepadas; vídeo duração 1'56"; 2020

Lea Soibelman



Graphotáctil Arlequim e Colombina; gravura em metal, ponta seca, impressão em papel artesanal; 23 x 50 cm; 2009

No vídeo: Letra e Música da marchinha Arlequim e Colombina de autoria de Léa Soibelman.

Arlequim e Colombina

Arlequim se apaixonou por Colombina,  
Mas veio Pierrô e roubou sua querida.

Leila Bokel



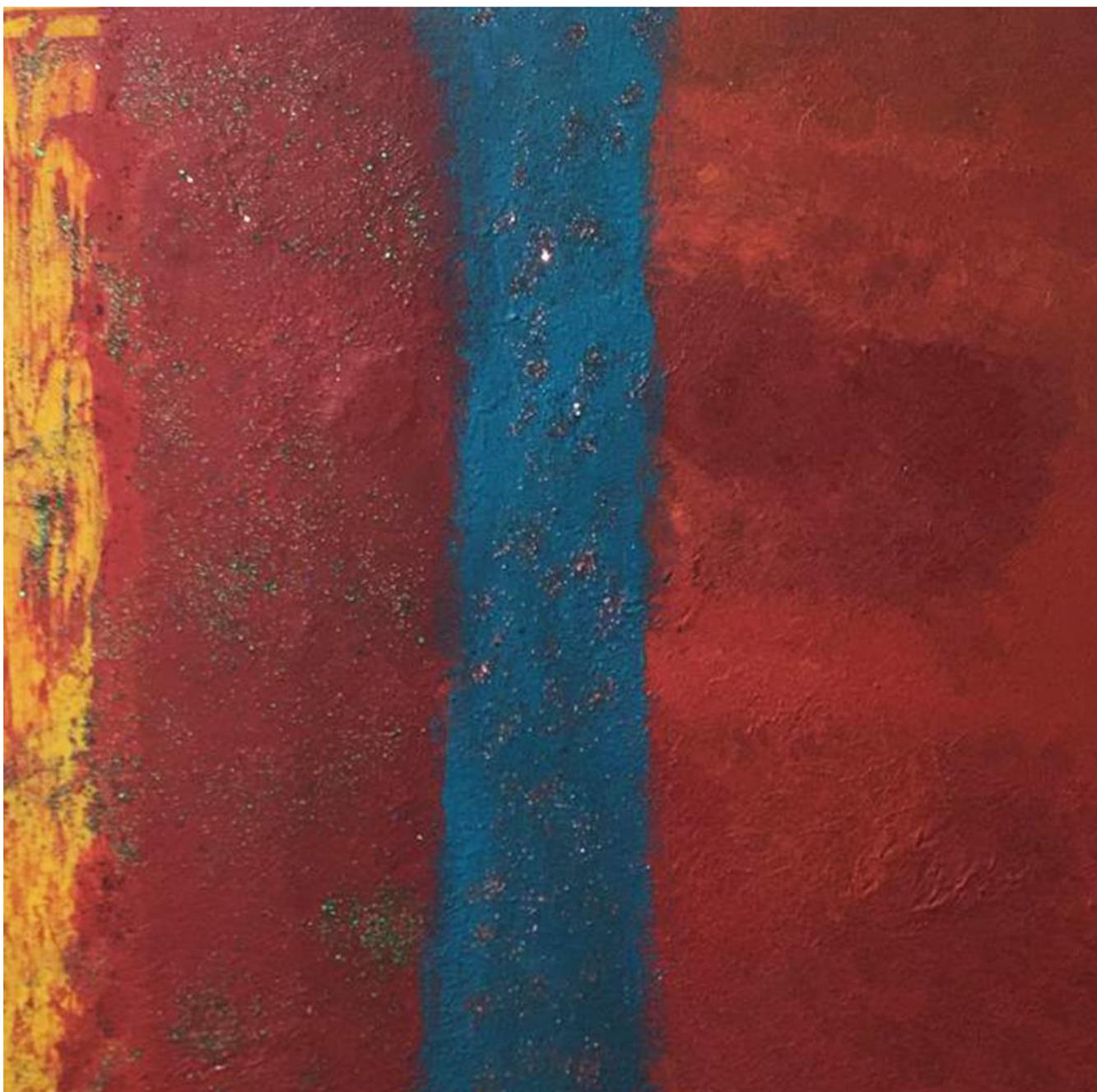
Último dia de Carnaval; técnica mista; 75 x 40 x 50 cm; 2020

Lena Tejo



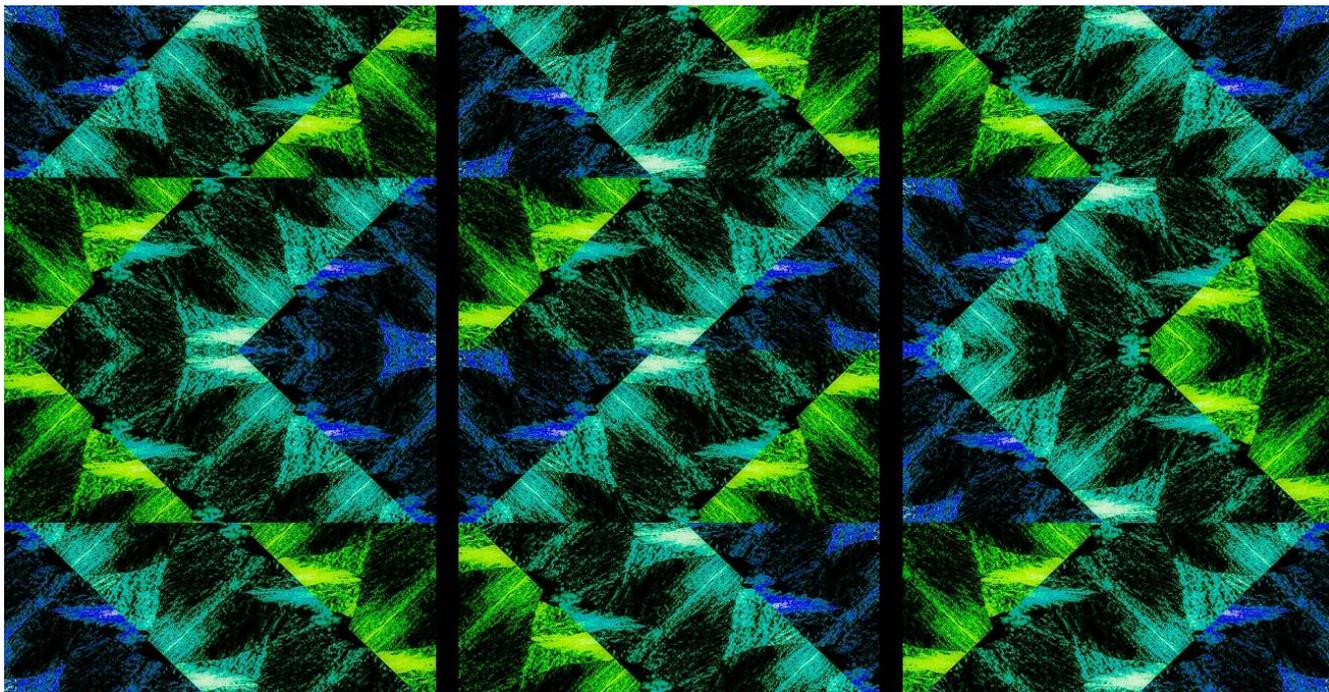
Folia 2021; técnica mista, tecido, plástico, caixa acrílica; 60 x 70 cm; 2021

Lenn Cavalcanti



Sem Carnaval; acrílica s/tela com purpurina; 30 x 30 cm; 2021

Let Cotrim



Evolução e harmonia, tríptico; fotografia e colagem digital impressão em papel fine-art Hahnemühle Baryta; tiragem: 5; 30 x 20 cm para cada imagem, totalizando cerca de 30 x 70 cm (tríptico); 2021

Lia do Rio



Preservação; colagem das contas de vidro sobre moldura da foto de Lia aos 6 anos de idade; 20 x15 cm; 2021

Liana Gonzalez



Acabou a folia; placa feita com papéis de presente, papéis brilhantes de embalagens e jornal; 32 x 44 cm; 2021

Liane Briand



Confetes e Serpentinhas no Salão; acrílica e gesso s/papel aquarela; 79 x 58 cm; 2021

### Pesquisa

O confete surgiu no carnaval de Roma, sob a forma de “confeitos” de açúcar que as pessoas jogavam umas sobre as outras durante o curso da cidade. Já a serpentina, foi inventada em 1892/93, em Paris, por um empregado do telégrafo. Ele usou tiras de papel do código Morse, que habitualmente jogava no lixo. A serpentina tornou-se um sucesso em Paris! No início, eram tiras bem mais largas e mais espessas, vendidas em rolos de 50 metros. Mais tarde, veio a ser proibida devido ao custo oneroso para sua remoção.

Nota de um jornalista em 1902: Já foram vendidos mais de 200 mil rolos. Em média são mais de 10 mil milhas de comprimento, como ir de Paris à Madagascar.

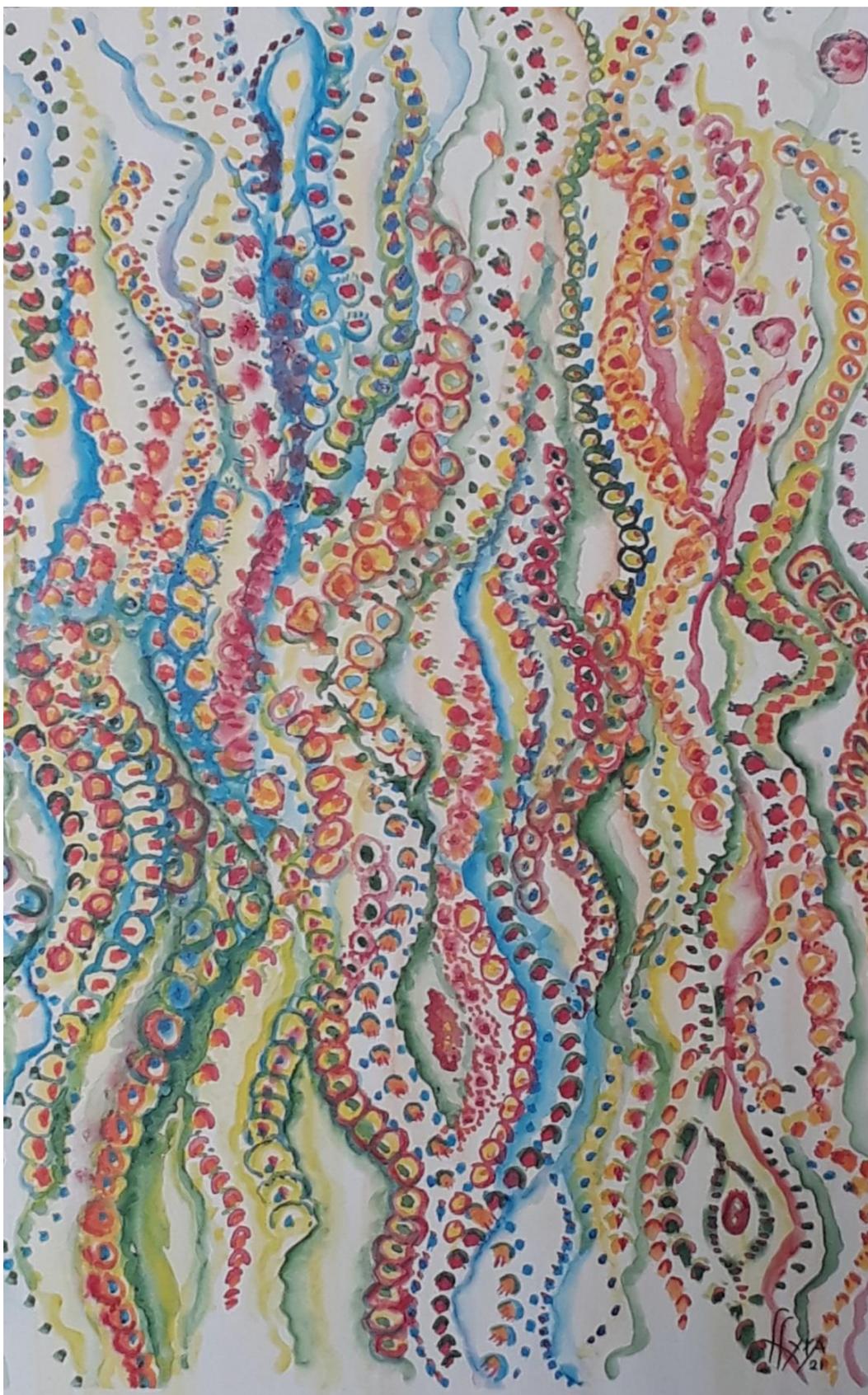
As árvores nos bulevares ficaram sob o efeito pitoresco das fitas coloridas enroladas nos ramos, flutuando na brisa!

Lu Guedes



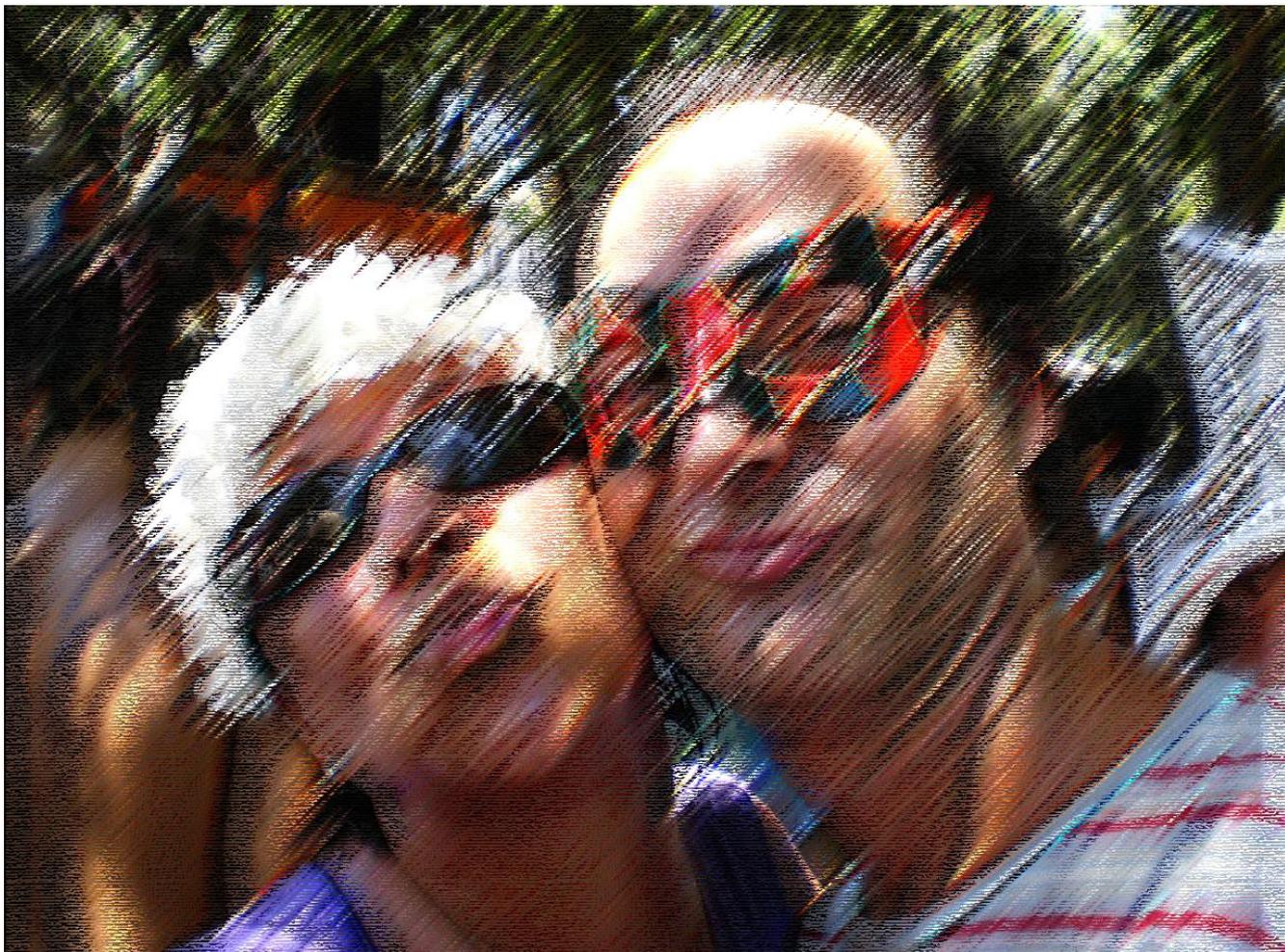
Formas e Cores; acrílica em impressão fine art; 52 x 72 cm; 2019

Lucia Lyra



Confetti; acrílica s/ papel; 42 x 58,7 cm; 2021

Luiz Nogueira



Quarentena 2021; vídeo 4'52", Full HD; 2021

Luiz Norões e Vera Lins



Homem e palmeira; óleo s/ tela; 100 x 110 cm; 1989

carnaval é liberdade  
com fantasia  
no jogo e na brincadeira  
alterar as regras  
dos dias vãos  
carnaval e  
na dança, na criação  
subverter as regras  
poder tirar  
os pés do chão

Luiz Rocha



Lembranças de Caetano Virado; óleo s/ tela; 134 x 130 cm; 2021

Luiz Todeschi



Celebrar até o fim, série Carnaval da Terceira Idade; fotografia com impressão fine art em papel algodão Hahnemuhle; tiragem 1/10; 40 x 60 cm (disponível em outras dimensões); 2014

Luzia Velloso



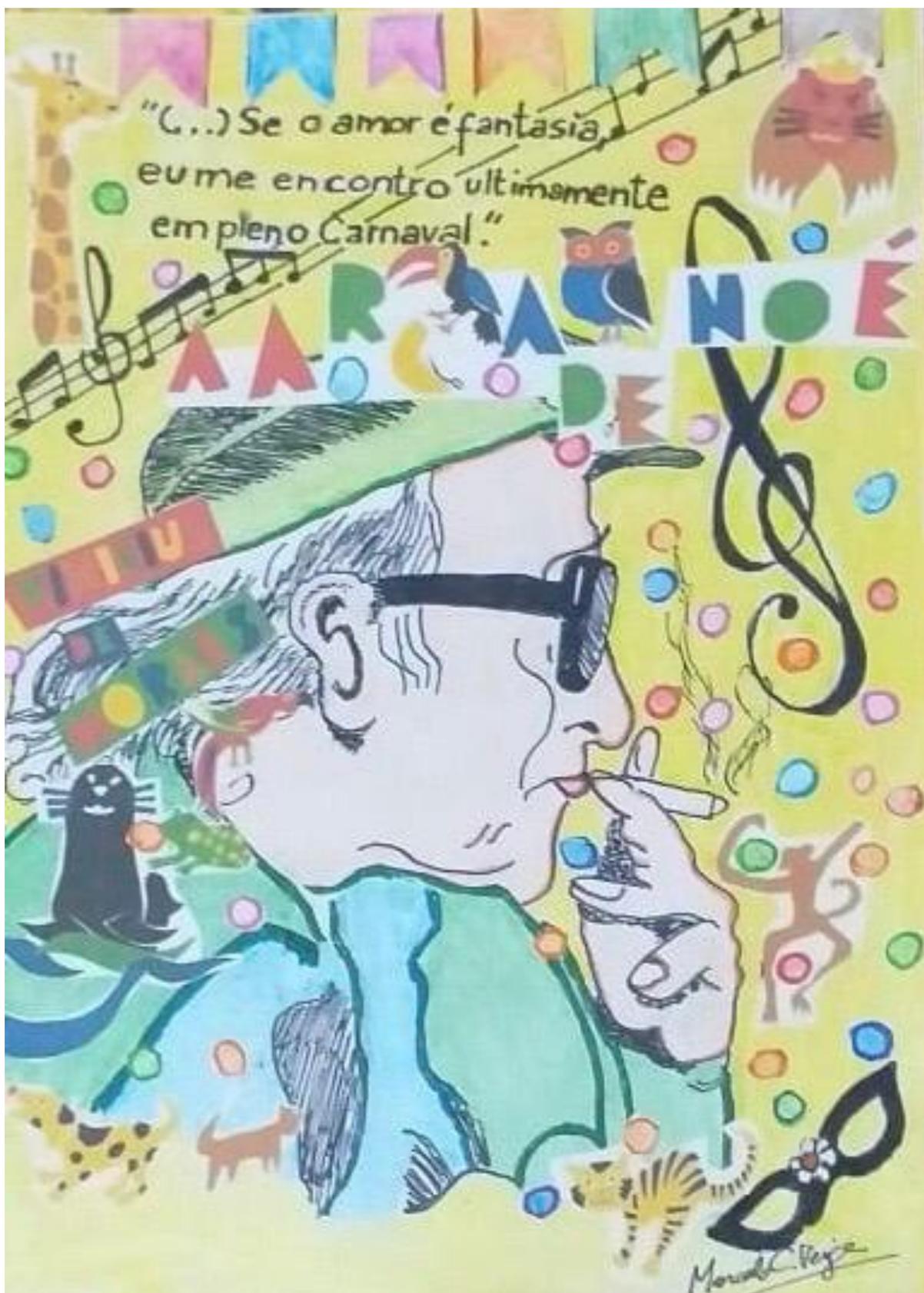
Carnaval dos Sonhos; esponja vegetal e brilho; 60 x 40 cm; 2016

Malu Perlingeiro



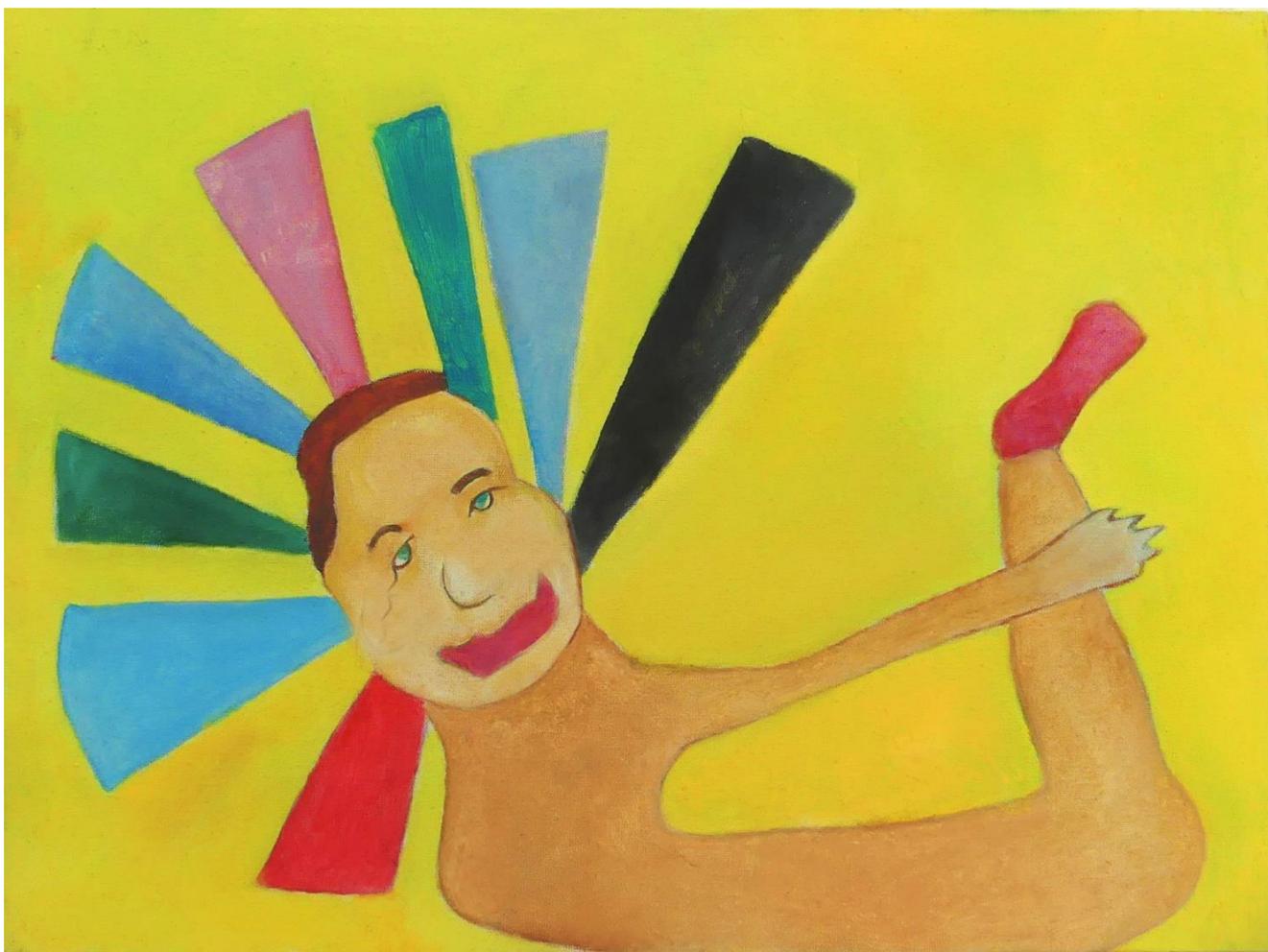
Folia em vermelho; técnica mista s/ tela; 80 x 100 cm; 2006

Marcelo Veiga



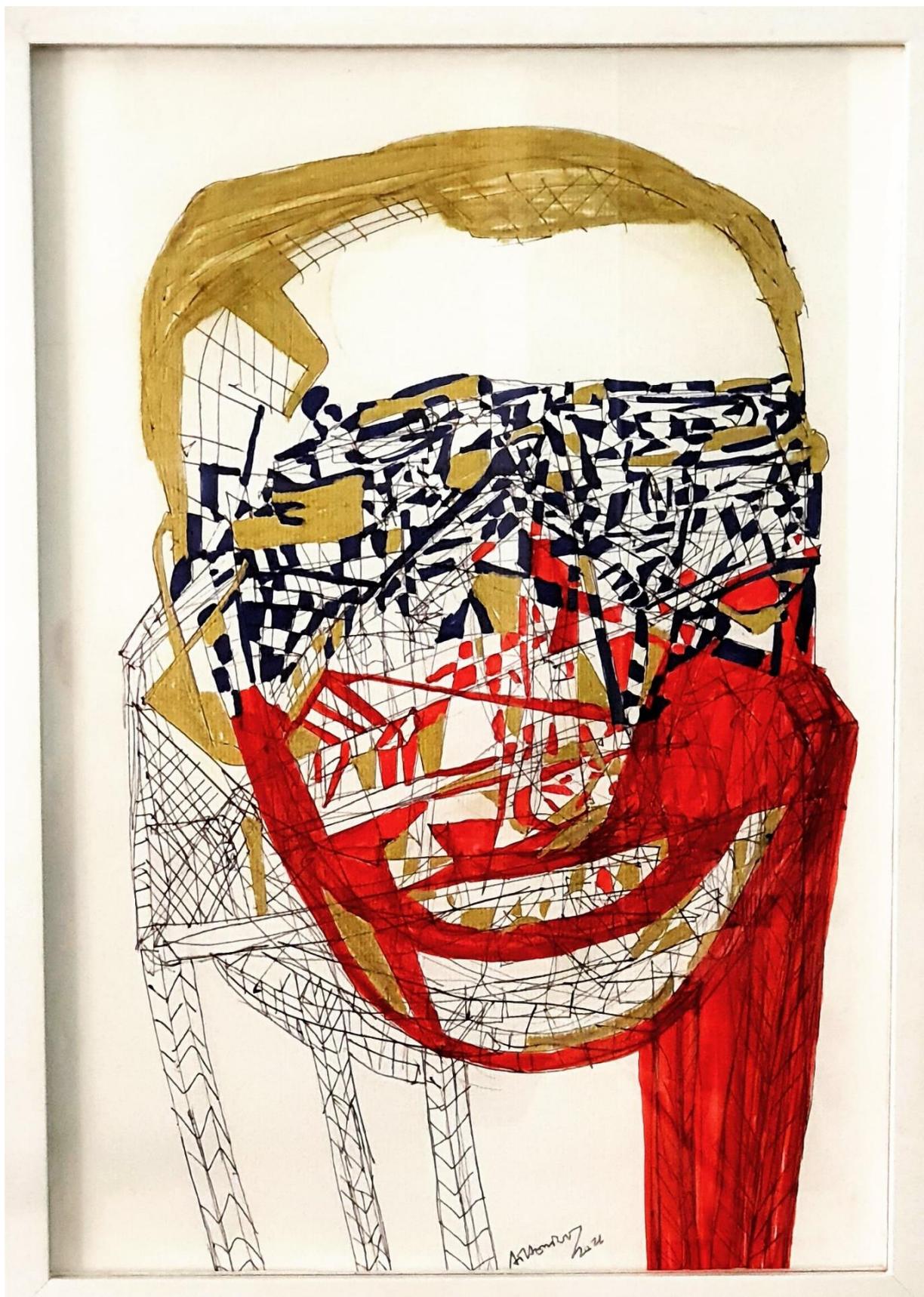
Carnaval em minha infância: a lembrança do poetinha e muita saudade; desenho lápis cera, pilot e colagem; 30 x 40 cm, 2021

Marcia Cavalcanti



Carnaval; óleo s/ tela; 30 x 40 cm; 2021

Marcio Atherino



Mascarnaval, série Isolado; técnica mista; 42 x 30 cm; 2021

Maria Cecilia Leão



Empatia (autorretratos); fotografias impressas em fine art, papel Hahnemuhle 308 g; díptico; tiragem 1/4; 40 x 30 cm; 2021

Maria Verônica Martins



Alegria; aquarela; 42 x 30 cm; 2021

Marco Rodrigues



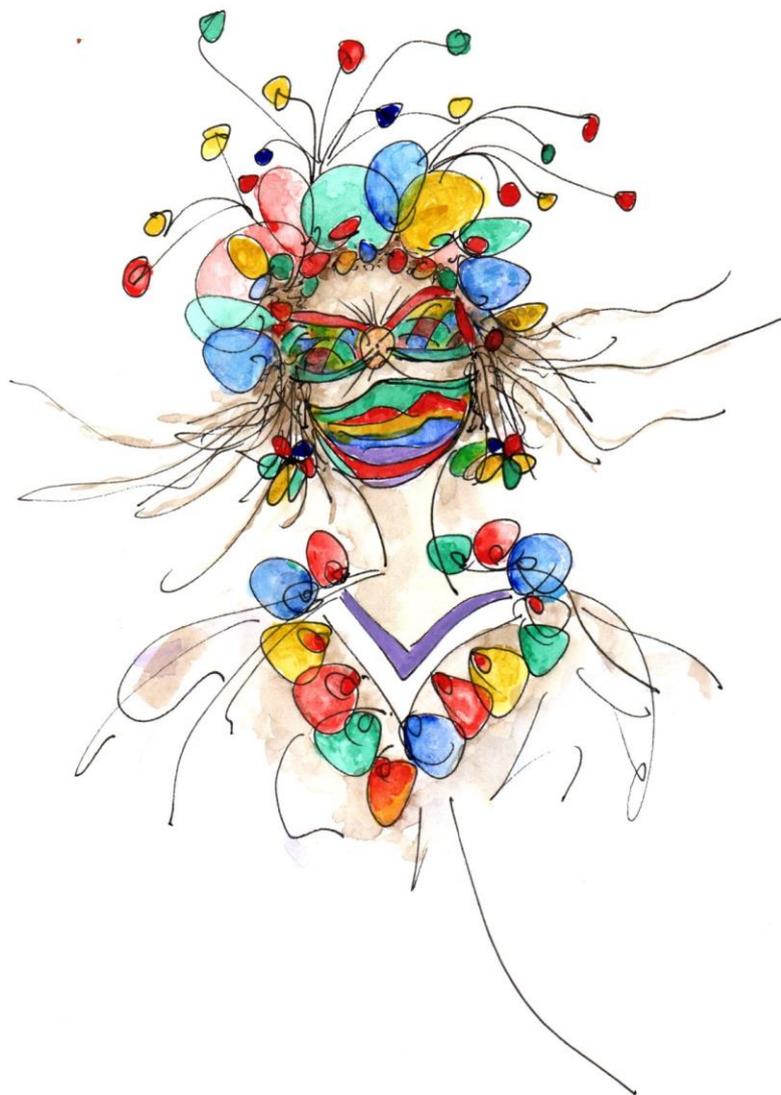
Carmelita; fotografia; 30 x 40 cm; tiragem 5; 2015

Marta Bonimond



Sem título; acrílica s/ tela; 160 x 110 cm; 2015

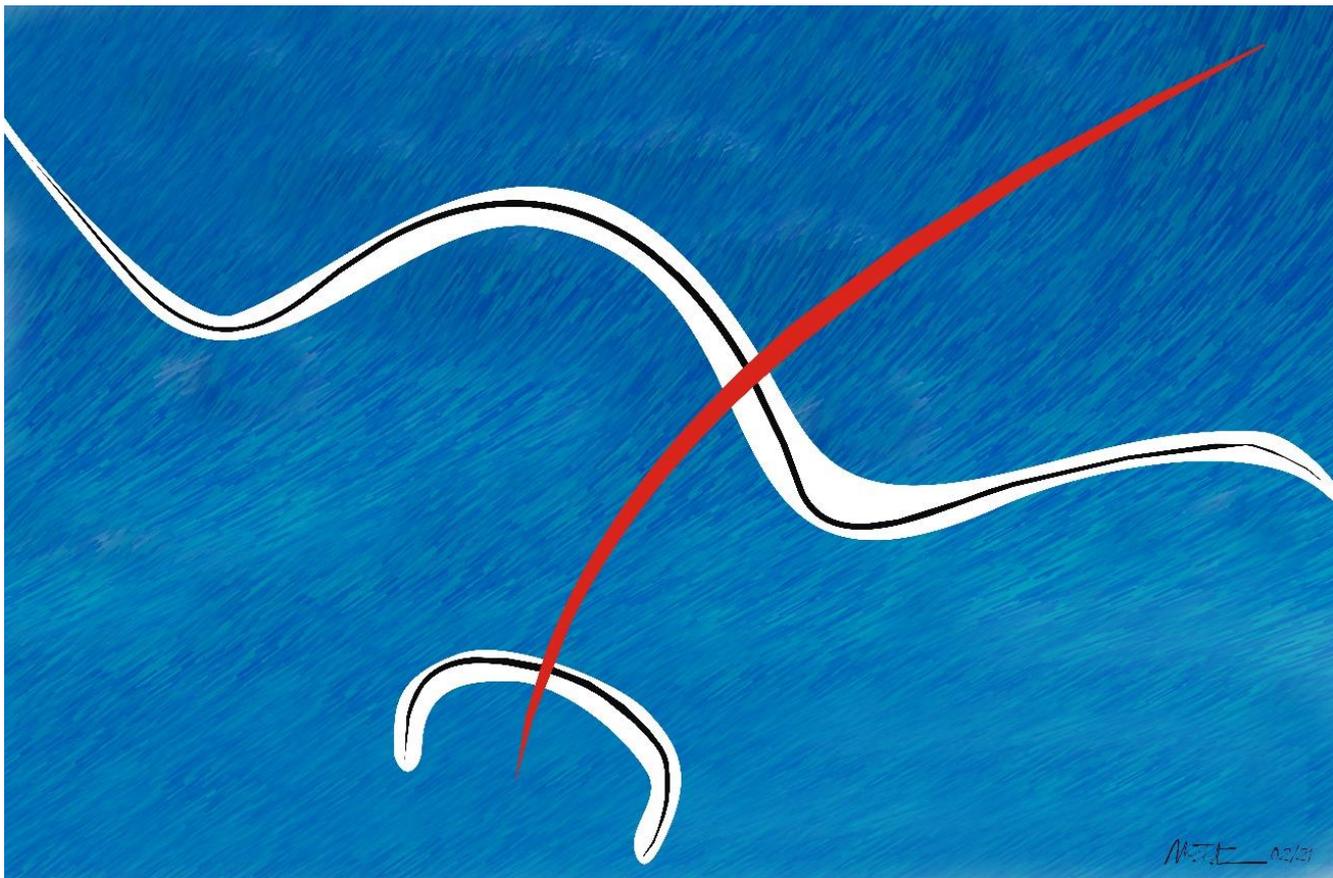
Martha Pires Ferreira



---

Auto retrato; bico de pena e aquarela s/ papel Canson, 21 x 29.5 cm; 2021

Mauricio Tassi



Samba violão; mão livre em computação gráfica; 70 x 105 cm (podendo ser impresso em diversos tamanhos); 2021

Mauricio Theo



Carnaval Brasilis 2021; foto colagem sobre papel fotográfico; 80 x 120 cm;  
2021

Miro PS



Passista, série sinais de 2018; gravura digital; 80 x 120 cm, impressão em papel fine-art Canson; tiragem 1/5; 2021

Nanda Godoy



O país do carnaval; técnica mista: grade, barbante, vidro, cortiça, purpurina, madeira, monitor; 26 x 34 x 83 cm; 2021

Nilton Pinho



Angenor de Mangueira; acrílica s/ tela sem chassi; 72 x 55 cm; 2021

Olvio Neto



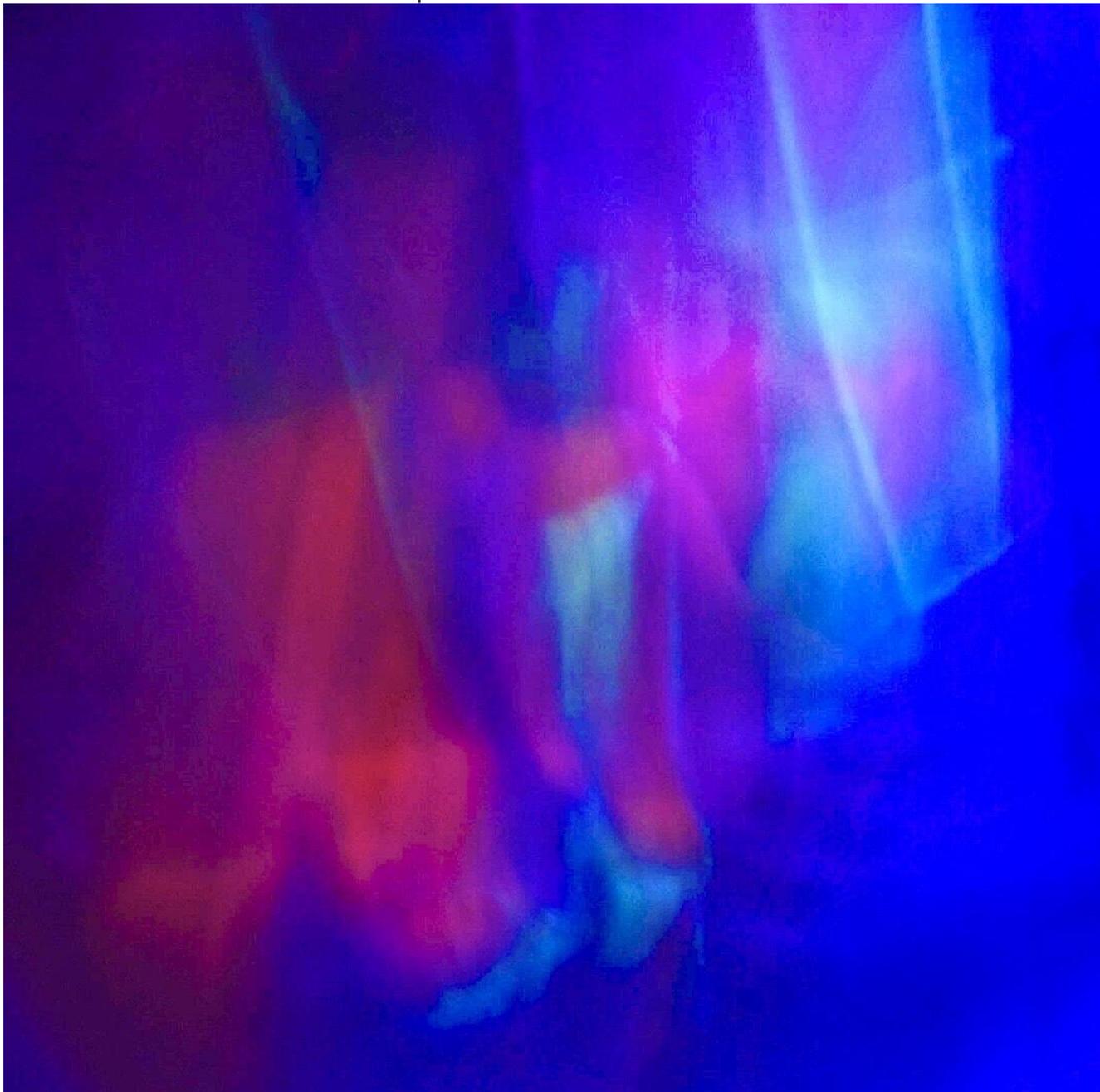
Serpentina carioca; acrílica s/ tela; 50 x 90 cm; 2021

Paloma Carvalho



Bandeira da Mangueira; pintura sobre poliéster; 16 x 22 cm; 2021

Peter O'Neill e Gabriella Massa PopKlik



Abstração de carnaval; fotografia em papel metalizado; tiragem 1/10; 42 x 42 cm; 2020

Ranieri Mazzilli

## Exéquias

Brutalmente despenca

a Quarta-Feira de Cinzas

Sobre a avenida desce o pano

Alguns ainda insistem

e inventam blocos e desfiles tardios

Mas são homenagens póstumas

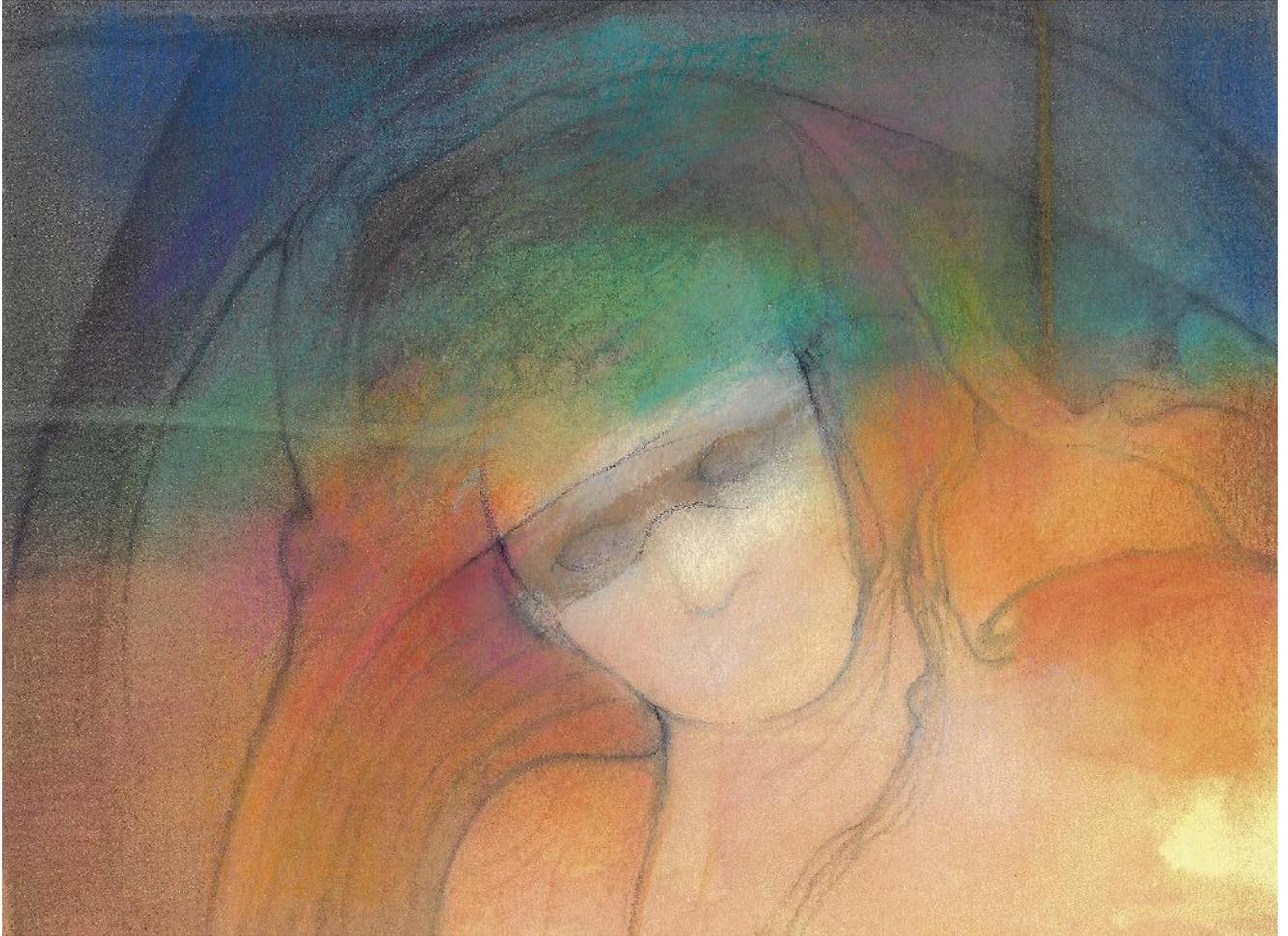
exéquias

que só fazem reafirmar o óbvio

e a tristeza:

já não é mais carnaval

Regina Moura



Folia; pastel seco/grafite aquarelado s/papel; 40 x 30 cm; 2020

É carnaval  
celebração, ritual ou mergulhar no mundo der Dionísio?  
vestir a fantasia e ser tomada pela folia  
vivenciar o prazer, alegria, o corpo, a liberdade

Roberta Salgado



Parangolé do Amor (Para Helio Oiticica); Poesia sobre algodão cru, acrílica s/ tecido; 206 x 115 cm; 2016

Roberto Negri



Ala das baianas; técnica mista com grafite caneta em cartão; 59 x 41,5 cm;  
2019

Robinson Oliveira



Mariana e Michele; acrílica s/ tela; 30 x 30 cm; 2017

Rodolfo Viana



Fantasia de Homens e Deuses, fotografia; tiragem 10; 82 x 55 cm; 2016  
Menção honrosa pelo júri técnico, na mostra "Olhares sobre o patrimônio fluminense", em 2016.

Rogério Reis



Homem árvore, Carnaval Na Lona (anos 90); filme Tri-X com câmera Hasselblad na Av. Rio Branco – RJ, impressão com pigmento mineral sobre papel de algodão, assinada; 30 x 30 cm; 2021

Ronald Duarte



Tapete para os encantados; fotografia; tiragem 10; 50 x 70 cm; 2016.  
Fotografia: Odir Almeida. Ação performativa, exposição: Orixás; local: Casa França Brasil; Curadoria: Marcelo Campos.

Sempre a carniça nova, Video 58", 2008

Rosangela Soares Pinto



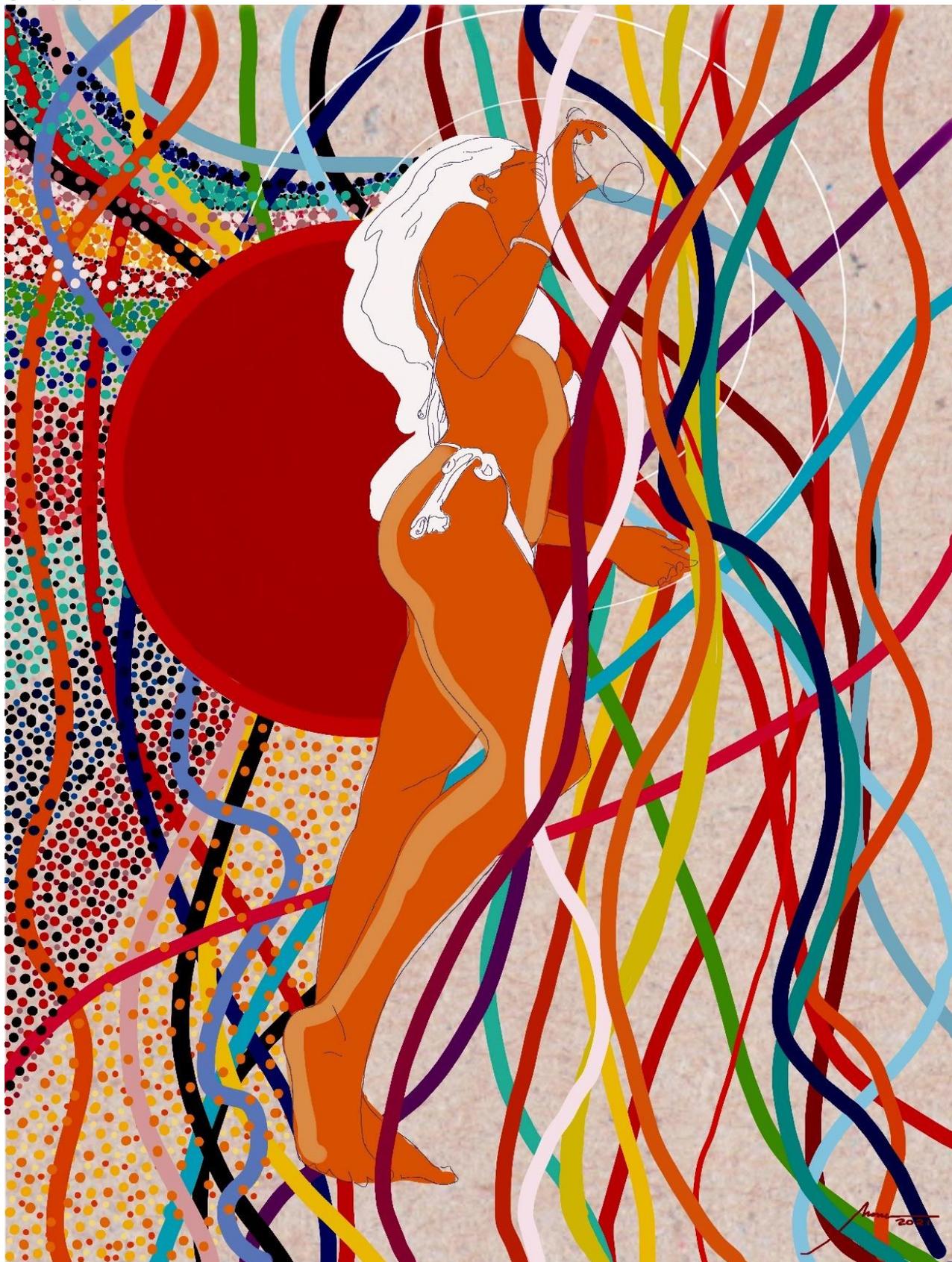
Carnaval 2021; fotografia digital de esculturas de flor de orquídea seca e lanterna japonesa, impressão fine art, tiragem 1/5; 100 x 200 cm; 2021

Sandra Macedo



Caindo na folia, da série cabides; cabides de arame e guirlandas de papel; 34 x 53 cm; 2012

Simone Trombini



Gabriella Antes que o sol se ponha Gabriella; arte digital; 151 x 200 cm; 2021

Sissi Kleuser



Casal nota 10; técnica mista s/ tela; 56 x 70 cm; 2021

Sonia Camacho



Tocador de Pífaros no carnaval; acrílica s/tela; 40 x 20 cm; 2021

Sonia Guaraldi



Para quando o carnaval chegar; fotografia 300 dpi - papel fine art Photorag - 308 gsm; 25 x 35,82 cm; 2021

Talita Tunala



Em memória; óleo s/ papel; 15 x 21 cm; 2019

Tavinho Paes



Momossexuais; art action, photoMix digital no photoshop; 30 x 42 cm (podendo ser impressa em outras dimensões; 27/5/2007 (registros a partir da performance Carnival Masks - photo Nathalie Bernier (Paris); make-up design Bayard Tonelli; video Marcelo Gibson (Ghetto Films); video-art reMix Maurício Antoun; channel: <http://www.youtube.com/MOMOssexuais>); tiragem 5

Teresa Coelho



Sem título; acrílica e têmpera s/ tela; 140 x 180 cm; 2006/2017

Teresinha Mazzei



Sonhando e criando alegorias, série Diálogo das Linhas; impressão fine art s/  
canvas, digital sobre fotografia de fios de cabelos; 30 x 40 cm; 2016/2021

Uiara Bartira



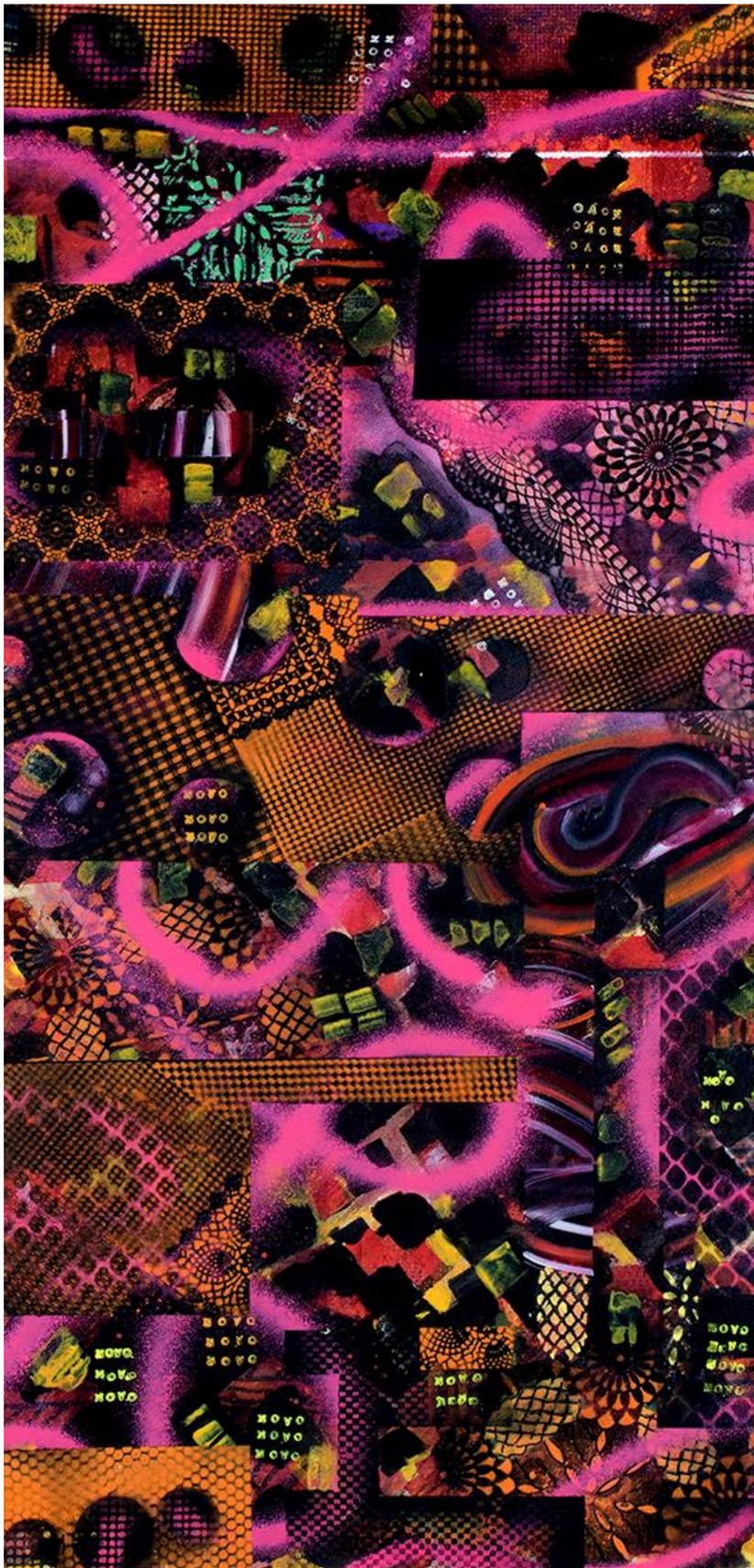
Série mulheres biônicas; óleo s/tela; 70 x 70 cm; 2020

Vania Beatriz



Passistas; fotografia, fine art, pb; tiragem 1/3; 42 x 29,7 cm; 2017

Verônica Camisão



Sem título; acrílica e spray s/ tela; 110 x 55 cm; 2019

Vilma Lima



Alegoria; aquarela e nanquin s/ papel; 30 x 40 cm; 2020

Vitoria Sztenjman



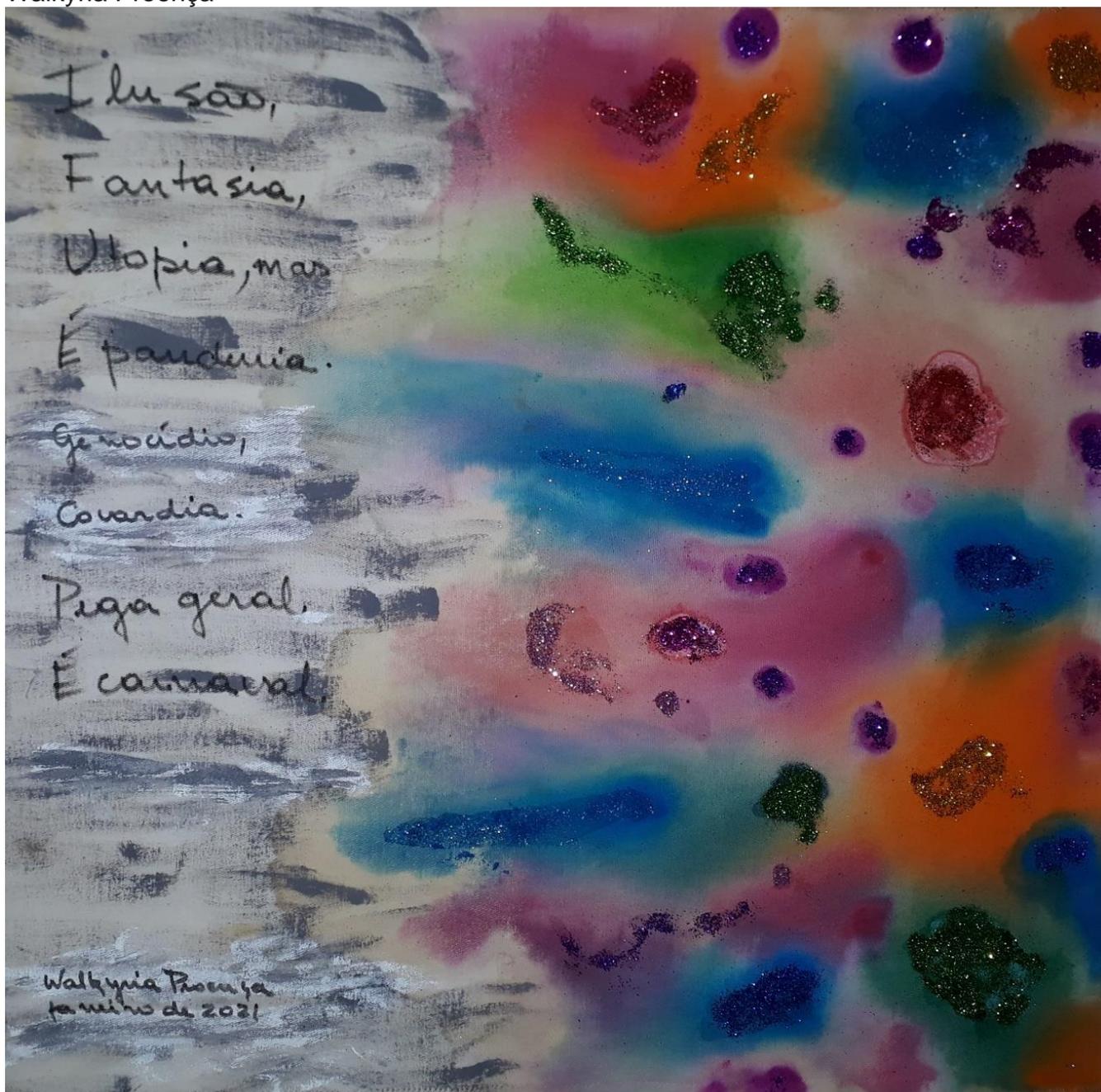
Mundo Bizarro; acrílica s/ tela; 60 x 50 cm; 2021

Xico Chaves



Cordão do Bola Preta; fotografia impressão fine arts; tiragem 7; 30 x 42 cm; 2011

Walkyria Proença



sem título; acrílica e glitter s/ lona; 55 x 57 cm; 2021

Wil Catarina



Coração do samba; acrílica s/ tela; 90 x 60 cm; 2020

Zoravia Bettiol



Colombina, Arlequim e Pierrô, série Ícones; acrílica s/ madeira; 74 x 53 cm; 2020